

BLUMENAU

em Cadernos


FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU
25 ANOS

TOMO XXXVIII
AGOSTO DE
1997 - No. 8

BLUMENAU
EM CADERNOS

40 ANOS

1957 - 1997

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau
Braulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



BLUMENAU

COPYRIGHT © 1997 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Gilberto da Silva Santos

Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Fritz Müller - homenagem referente
ao centenário de falecimento: 1897 - 1997

A imagem de fundo retrata
Blumenau em 1889.

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos
Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

SUMÁRIO

A Escola teuto-blumenauense em conflito com o Poder Público (1850-1917) <i>Andreas Volkmann</i>	07
Emblemas de quatro municípios catarinenses <i>Edison Müller</i>	18
Memórias de uma imigrante <i>Valburga Huber</i>	25
Minha vida <i>Andreas Kinas</i>	31
Ata do Conselho Municipal, de 10/04/1911 Ata da Comissão Municipal de Turismo, de 04/07/1967	46
Edson Ubaldo / Roteiro da Ilha Encantada / Variadas <i>Enéas Athanázio</i>	50
Três Doutores Republicanos / Um Ford e Três Políticos / A Sociedade Protetora do Patrimônio Blumenauense <i>Theobaldo Costa Jamundã</i>	54

**Pesquisas
&
Pesquisadores**

**A Escola
teuto-
blumenauense
em conflito
com o Poder
Público
(1850-1917)**

Texto:

ANDREAS
VOLKMANN*



De acordo com uma pesquisa internacional mencionada na revista *Veja* de 30 de julho de 1997, o alemão é a 5ª língua mais falada do Ocidente. Se consideradas as pessoas que o utilizam como primeira ou segunda língua, seu número de falantes praticamente se iguala aos da língua francesa - bem mais celebrada em nossos meios acadêmicos e intelectuais. Entretanto, sua abrangência limita-se principalmente ao território da República Federal Alemã e países vizinhos. Nas Américas, seu estudo está praticamente reduzido a iniciativas mais ou menos isoladas em algumas das antigas zonas de imigração alemã "nacionalizadas" por ocasião da 1ª e 2ª Guerras Mundiais.

No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina (não dispomos de dados neste sentido sobre outros Estados), o poder público e instituições particulares têm procurado reverter este quadro, introduzindo o idioma alemão como opção preferencial de língua estrangeira, de modo a valorizar um conhecimento que muitas crianças ainda trazem de casa, mesmo que - e o próprio autor deste trabalho vive essa situação - mais pelo contato com os avós do que com os próprios pais.

Em nossa opinião, o reavivar-se da língua alemã em um contexto tão distinto daquele em que ela foi originalmente introduzida e divulgada em nosso País - e mais tarde considerada ilegal e reprimida - trará novos subsídios à compreensão da história da colonização teuto-brasileira.

Esta colocação se fundamenta na consulta a fontes originais em língua alemã e outras tradu-

*) Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina

zidas - ainda que também disponíveis apenas sob a forma de documentos - que contradizem algumas das afirmações que se convencionaram como verdadeiras neste sentido. Entre elas, a do mito do isolamento voluntário, segundo o qual as colônias teuto-brasileiras sempre resistiram a se integrarem à nação brasileira, alimentando um processo que culminou com o irrompimento do “ovo da serpente” do “Perigo Alemão”, a partir da ascensão do Nazismo na Alemanha. A discussão desta questão sob a perspectiva do sistema escolar constitui o objetivo central deste artigo.

A abrangência geográfica de nossos estudos corresponde à da Colônia e município de Blumenau, cidade que a indústria do turismo transformou em emblema da colonização teuto-brasileira, e onde o autor viveu por 11 anos.

Cronologicamente, situamos o objetivo de nossos estudos dentro do período que se estende de 1850 a 1917.

O ano de 1850 assinala a fundação da Colônia Blumenau e a chegada do primeiro imigrante de origem germânica, consciente da necessidade de se dominar a língua portuguesa: o próprio Dr. Blumenau, que, de acordo com Silva, “*não só falou, como era em bom português que redigia os relatórios e toda a documentação da Colônia.*”¹

Por sua vez, o ano de 1917 marca o início do primeiro estado de guerra, o primeiro rompimento diplomático na história das relações entre as nações brasileira e alemã. Estas circunstâncias culminaram em um momento decisivo para a história da germanidade em nosso País: o início das primeiras medidas oficiais de repressão à identidade teuto-brasileira, cujos objetivos seriam atingidos e consolidados pela política de uniformização nacionalizadora de Getúlio Vargas.

O pesquisador norte-americano Richard Dalbey chegou a elaborar, em meados da década de 1970, uma série de trabalhos em que justificava essa nacionalização como única medida capaz de eliminar a ameaça que o “quisto étnico” germânico representava à própria integridade territorial brasileira.

Sabemos que o “Perigo Alemão” já não se apresentava como um tema novo por ocasião dos estudos de Dalbey. Em 1886, o Presidente

¹ SILVA, Zedra P. da. *O Vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1954., p. 117.

Francisco José da Rocha, em carta ao Governo Imperial, afirmava que os núcleos coloniais de uma mesma nacionalidade representavam um sistema não salutar: os recém-chegados só procurariam os núcleos de sua nacionalidade, pois tudo lhes faltava e só podiam pedir ajuda a quem lhes entendesse. Assim cresceriam as nacionalidades estrangeiras, formando pequenas nações dentro do Brasil².

No caso das colônias teuto-brasileiras, Magalhães destaca o agravamento desta tensão em função das atividades de diversas sociedades alemãs, que a partir da segunda metade do século XIX dedicam suas atividades à imigração e aos alemães residentes no exterior: a *All-deutscher Verband* (Liga Pangermânica) - a principal delas, a *Deutsche Kolonial Gesellschaft* (Sociedade Colonial Alemã), a *Evangelischer Hauptverein für Ansiedler und Auswanderer* (Sociedade Evangélica Central para Residentes no Exterior e Emigrantes) e a *Hanseatische Kolonisationsgesellschaft* (Sociedade Hanseática de Colonização).

Segundo a autora, tais organizações constituíam-se nas “principais propulsoras do movimento colonialista alemão”³. É preciso lembrar que, embora ao final do século XIX o *Reich* se impusesse como potência industrial, ressentia-se de seu imperialismo tardiamente desenvolvido: a um processo de unificação nacional só concluído em 1871, somava-se a resistência inicial do chanceler von Bismarck em disputar com outras nações européias o domínio de mercados coloniais na África, Ásia e Oceania. Neste contexto, a preservação da identidade através de sociedades voltadas aos alemães no exterior, representava uma importante estratégia de expansão econômica, assegurando à Alemanha novos mercados consumidores para seus produtos.

Especificamente no campo da educação, Magalhães informa que a Liga Pangermânica e a Sociedade de Ensino no Exterior (*Schulverein*) financiam a construção de escolas - além de igrejas e periódicos - com o objetivo de veicular suas teorias acerca da *Grossdeutschland* (Grande

² FIORI, Neide A. *Aspectos da Evolução do Ensino Público*. Florianópolis: Ed. da UFSC/Secr. da Educação do Estado de Santa Catarina, 1991, p. 67.

³ MAGALHÃES, Marioni de D. B. de. *Alemanha, Mãe-pátria Distante: Utopia Pangermanista no Sul do Brasil*. Campinas: 1993. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, p. 44.

Alemanha), *"onde a endogamia, superioridade racial e o desenvolvimento econômico de seu país constituíam-se nos seus principais conteúdos"*.⁴

O alcance destas atividades - que além do ensino se estendiam à igreja, esporte, imprensa e recreação - foi tanto, que acabou por despertar a atenção dos meios políticos e intelectuais brasileiros, catalisando e servindo de justificativa aos seus receios acerca do "Perigo Alemão". Como observa Magalhães:

*"Quando o sentimento nacionalista no Brasil se torna um dos principais leit motive das elites, principalmente na época que antecederia a Segunda Guerra Mundial, a campanha de nacionalização atingirá intensamente estas camadas, no que se refere às suas representações culturais e políticas."*⁵

Mas, se os estudos de Dalbey não representam uma novidade neste sentido, os mesmos assumem maior importância para o nosso trabalho, na medida em que aquele autor dedicou-se à questão, principalmente sob o ponto de vista do papel da educação, focando o centro de sua atenção no Vale do Itajaí.

Dalbey afirma que, instalados em regiões remotas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e ignorados em suas mais simples reivindicações pelos governos imperial e provincial, os teuto-brasileiros teriam criado uma comunidade apartada da sociedade nacional, sem comunhão de interesses com esta. Como principal elemento de conservação de sua cultura, estes imigrantes teriam criado um sistema escolar próprio, nos moldes do que haviam conhecido no *Vaterland*, com uso quase exclusivo do idioma alemão.

Sobre o Vale do Itajaí em particular, o autor chega a afirmar que

"(...) a população alemã no Sul do Brasil compreende o grupo étnico maior, mais antigo e mais enraizado de toda a América do Sul. A

⁴ Magalhães, M. D. B. de. 1993, p. 45.

⁵ Idem, p. 46.

*colonização alemã em Santa Catarina era tão intensa que, antes da II Guerra, dominava virtualmente todos os interesses estaduais (...).*⁶

O autor prossegue, afirmando que esta situação representava o embrião de uma Alemanha Antártica em potencial, ameaçando a própria soberania nacional brasileira. Se antes as relações com os luso-brasileiros davam-se a nível cordial - ainda que superficial, diz Dalbey - com a ascensão do Nacional-Socialismo ao poder, em 1933, os nazistas teriam assumido o controle de 2.500 escolas teuto-brasileiras.⁷

Esta estratégia obedeceria aos planos de dominação mundial do III *Reich*, buscando endoutrinar a população teuto-brasileira a substituir definitivamente a lealdade ao Brasil pela lealdade à Alemanha. Tais circunstâncias, de acordo com Dalbey, justificariam a mão-de-ferro com que Vargas acabaria por nacionalizar o sistema escolar teuto-brasileiro, extinguindo a ameaça pangermanista.

Sobre esta questão, é importante observar que Dalbey realiza suas pesquisas durante os anos mais severos da ditadura militar brasileira (primeira metade dos anos 70): um período bastante crítico das relações Brasil-EUA, permeado pelo rigoroso alinhamento ideológico do primeiro país em relação ao segundo, em meio ao complexo equilíbrio diplomático da Guerra Fria. O modo com que o autor se dedica a endossar o discurso oficial - em detrimento das evidências levantadas por outros trabalhos - nos faz pensar na afirmação de Duncan: "*Considerando-se a história (sic; oficial) como a propaganda do vencedor...*"⁸

De fato, estudos posteriores têm debatido o exagero desta argumentação. Seyferth, após pesquisar rigorosamente a imprensa teuto-catarinense, não identificou periódicos que defendessem a anexação das áreas de colonização germânica do Brasil Meridional ao III *Reich*. No

⁶ DALBEY, Richard O. Blumenau, Santa Catarina: Impressões de um Pesquisador Norte-Americano. Acervo do Arquivo Histórico de Blumenau (V 981 DAL IMP); 1970, p. 2.

⁷ ———. Os Alemães do Sul do Brasil: Do Isolamento à Integração Através da Nacionalização da Educação. Acervo do Arquivo Histórico de Blumenau (V 325 DAL ALE); 1970, p. 5.

⁸ TOYNBEE, Arnold J. Toynbee por ele mesmo. Brasília: UNB, 1981, p. 7.

caso particular do ensino, Trauer observa que a própria Alemanha "(...) *carecia, nesse mesmo período, sobremaneira, de professores.*"⁹

Além disso, nossas próprias pesquisas apontam para o grande número de dificuldades enfrentadas pelas escolas teuto-brasileiras, o que permite questionar sua eficiência como um poderoso agente doutrinador, a despeito de afirmativas como a de Câmara, sobre o fato do "tedesco" sempre ter rejeitado a escola "nacional". Em nosso entender, um rápido resumo comparativo entre a escola "alemã" de Blumenau e o ensino público de Santa Catarina permitirá uma compreensão mais apurada dessa rejeição.

O próprio Câmara procede a uma descrição bastante desanimadora sobre o ensino público nas colônias teuto-catarinenses:

"(...) a professora brasileira (geralmente [...] mal saída dos bancos escolares, sem experiência, desprovida de noções sobre a vida rural e quase da idade dos alunos) não lhe inspirava confiança. A escola nacional, (...) sem conforto nem pedagogia, (...) A professora nacional (...) a desconhecer a terra e seus problemas (...)." ¹⁰ (grifo meu)

De acordo com Fieri, havia uma deficiência geral na inspeção do ensino na Província de Santa Catarina, ainda que, em 1880, 1/3 da renda provincial houvesse sido destinada ao ensino. O então Presidente da Província, Antonio de Almeida Oliveira, admitia que *"era tão estreito o programa de ensino oficial que os alunos, a rigor, mal podiam aprender a ler, escrever e contar."*¹¹

Na Mensagem do Governador Antonio Pereira da Silva e Oliveira publicada em 18/09/1906, a descrição da situação do ensino público é igualmente lamentável:

⁹ TRAUER, Elisabeth M. *Alemão: Uma Língua Estrangeira na Escola Catarinense?* Florianópolis: 1994, Tese (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, P. 58.

¹⁰ CÂMARA, Lourival. "Estrangeiros em Santa Catarina" In: *Revista de Imigração e Colonização*, Ano I, Nº 4, outubro/1940, p. 37.

¹¹ FIORI, Neide A. 1991, p. 57.

- No Curso Normal os resultados não correspondiam aos investimentos e não havia interesse dos jovens pelo Magistério Público.¹²

- A instrução pública primária estava "em decadência", em função da manipulação política, falta de fiscalização e escassez de verba para a fiscalização, material escolar e casas mais amplas e limpas. Em 20% das escolas não haviam sido realizados exames de fim-de-ano.¹³

A tal ponto, que o Governador chega a afirmar: "*Se queremos instrução, alienemo-la por completo da política (...)*".¹⁴

Segundo Trauer, se ao final do período imperial brasileiro Santa Catarina começa a registrar um dos mais altos índices de alfabetização do País, isso deve-se "*sobretudo, à contribuição das escolas particulares, principalmente das 'estrangeiras' (...)*".¹⁵ De fato, em 1890 os municípios de Joinville e Blumenau - onde o número de estabelecimentos de ensino e alunos é preponderantemente teuto-brasileiro - são os mais alfabetizados de Santa Catarina.¹⁶

Entretanto, as escolas teuto-blumenauenses, notadamente as mais humildes, também não estavam isentas de problemas, a despeito da "*evidente ajuda pecuniária da Alemanha*"¹⁷ enfatizada por Dalbey.

O Relatório sobre a Escola da Itoupava Alta para o ano de 1905, dava conta que de um total de 55 crianças que iniciaram seus estudos naquele ano:

*"a falta dos alunos (...) foi muito grande. (...) a maioria não compareceu porque os pais acharam que o trabalho em casa é mais importante do que o aprendizado na escola."*¹⁸

¹² OLIVEIRA, Antônio P. da S. Mensagem do Governador de Santa Catarina, Dr. Antônio Pereira da Silva e Oliveira. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1906., p. 19.

¹³ Idem, p. 21 e 22.

¹⁴ Ibidem, p. 23.

¹⁵ TRAUER, Elisabeth M. 1994, p. 27.

¹⁶ FIORI, Neide A. 1991, p. 100.

¹⁷ DALBEY, Richard O. Os Alemães do Sul do Brasil..., 1970, p. 4.

¹⁸ Mitteilungen, abril de 1906.

Tal afirmativa indica a opinião de pessoas humildes, sem perspectivas de ascensão social, a ponto de não considerar a escola um instrumento capaz de promovê-la. Ainda assim, as matérias ministradas naquele ano incluíam a gramática em português e alemão.

É importante observar que esta escola estava filiada à Sociedade Alemã de Escolarização para Santa Catarina, da qual recebia material escolar. Assim como a Sociedade recebia recursos da Alemanha.

Vários documentos levantados em nossas pesquisas atestam as dificuldades dos teuto-blumenauenses em manter suas escolas.

No relatório do Superintendente Escolar de Blumenau para o ano de 1905, publicado em março de 1906 no **Mitteilungen**, vemos que das 112 escolas do município, 04 funcionavam em igrejas ou capelas, 01 em uma igreja velha e uma em um rancho que abrigava imigrantes recém-chegados. Além do salário,

"(...) os professores recebem um pagamento anual em milho(...) para aulas de doutrina, leitura, batizados extremos e enterros. Em dois lugares os professores recebem alojamento e alimentação. Alguns recebem pagamento pelas palavras pronunciadas em um enterro."

O **Blumenauer Zeitung** de 04/09/1897, em artigo intitulado "O valor dos professores", cita que nas escolas do interior, o ordenado de um professor, além de 20\$000 réis incluía "(...) ajuda em espécie de verduras e outros artigos dos colonos."

Estes depoimentos têm um caráter ilustrativo sobre as dificuldades que identificamos em termos de manutenção das escolas teuto-blumenauenses, evidenciando a incapacidade do *Reich* de suprir as necessidades do sistema escolar teuto-brasileiro como um todo.

Mas, se o apoio da Alemanha era insuficiente, a ineficiência do poder público forçava as colônias à manutenção de suas escolas. Em seu relatório para o ano de 1905, o prefeito de Blumenau, Alvin Schrader, reconhecia a impossibilidade financeira de se passar as escolas particulares para a administração do município, concluindo que

"Sem a espontaneidade enérgica da população, a qual, completamente abandonada pelo Estado e pelo Município, por iniciativa própria, fez e faz ainda pesados sacrifícios, seria bem triste o estado da

geração presente. Assim, pelo menos, foi providenciado o mais necessário, embora deixe ainda muito a desejar."¹⁹ (grifo meu)



Grupo de alunos da Escola Nova, de Blumenau, com o Prof. Werner

Ainda mais grave: há depoimentos que denunciam o papel do Governo Provincial como não apenas omissos, mas danosos. Em artigo publicado no **Blumenauer Zeitung** de 13/08/1915, é criticada a atitude do inspetor escolar deputado Barbosa Lima, que exigia o ensino da língua portuguesa em todos os estabelecimentos de ensino particulares, sob pena de pagamento de uma multa de 1 a 5 contos ou mesmo de fechamento da escola:

"(...) o governo (...) deveria, em primeiro lugar, cuidar para que houvesse mais escolas. Pois é muito melhor uma criança ser alfabetizada

¹⁹ Apud. SILVA, 1954, p. 117.

em alemão ou outro idioma qualquer, do que deixar a mesma ignorante e analfabeta. Não está na natureza alemã deixar seus filhos sem estudo e faz-se grandes sacrifícios por isto. Tomando em consideração a vastidão do Estado, é muitas vezes quase ou mesmo impossível, o ensino da língua portuguesa, como é desejado. Mas (...) todo alemão sabe o valor que o ensino do idioma português representa para seus filhos e não é preciso empregar métodos tão drásticos e prejudiciais, levando muitas escolas ao fechamento, em regiões afastadas e distantes (...)." (grifo meu)

Como se percebe, o governo catarinense agia como se o ensino da língua pátria fosse uma exigência a que tivesse direito e não uma responsabilidade que deveria assumir como sua. Procedendo desta forma, não é de se admirar que as escolas públicas não gozassem da confiança dos teuto-brasileiros, entre outros grupos de imigrantes - como italianos e poloneses - que também criaram sistemas escolares próprios, com resultados igualmente superiores aos alcançados pelas iniciativas do Estado desenvolvidas até então²⁰.

Particularmente incisivas são as críticas tecidas por um educador identificado como Prof. Knoll, em painel apresentado na cidade de Lages sob o título *"A Nova Lei Escolar. Decreto nº 155 de 10/06/1892 - Suas falhas em relação pedagógica"*²¹.

Knoll denuncia a arbitrariedade representada pelo fato de alguém como o inspetor escolar, capaz de exercer tanto poder sobre o professorado, ser nomeado para satisfazer às necessidades de partidos políticos. Segundo ele, tal prática compromete o próprio sistema escolar, na medida em que os professores são selecionados dentro dos mesmos critérios:

"(...) nós conhecemos estes exames, nos quais em primeiro lugar um padrinho e em segundo lugar o conhecimento tomam posição."

Knoll vai ainda além, questionando a própria pedagogia recomendada pelo decreto. Esta, em seu artigo 50, parágrafo 15, determinava

²⁰ TRAUER, Elisabeth M. 1994, p. 27

²¹ Blumenauer Zeitung, 29/10/1892.

que todo professor deveria ensinar seus alunos de acordo com o método de ensino determinado pela diretoria escolar. Utilizando uma argumentação válida ainda em nossos dias, Knoll responde que

"As capacidades intelectuais são diferentes, assim como as fisionomias. (...) Toda e qualquer criança que começa a freqüentar a escola é um enigma para o professor, e ele precisa praticamente estudar a criança primeiro. Existe uma grande variedade delas (...) e (...) o senhor quer que sejam ensinadas pelo mesmo modelo? (...) passando pelas escolas desta terra, na maior parte delas se ouve gritaria e o dia todo se pratica leitura e mais leitura sem qualquer esclarecimento, e nunca sabem o que estão lendo. Saem da escola como papagaios (...) e quando são perguntadas sobre o que leram, não sabem nada. (...) Não devemos nos deixar iludir pela presente reforma, que só se baseia em aparências superficiais, enquanto que para a real necessidade do ensino ainda se é cego." (grifo meu)

É evidente - e lamentável - que, se Knoll vivesse em nossos dias, já não poderia limitar suas críticas às escolas públicas. À medida em que, no mundo inteiro, prega-se a isenção crescente das responsabilidades do Estado em áreas tão fundamentais como o próprio ensino, este tende a se tornar sempre mais mercantilizado - haja vista as tentativas de privatização das universidades públicas, ou as máquinas de dinheiro em que os famosos cursinhos (o caso mais flagrante de formação de alunos "papagaios") se tornaram. Neste contexto, é significativo resgatar o empenho das escolas teuto-blumenauenses em assimilar e reproduzir - com seus próprios e limitados recursos - a língua portuguesa. Ele representa a capacidade de uma comunidade criar alternativas para o exercício de sua identidade e cidadania, quando o poder público se exime de representá-las e defendê-las.

Artigos

Emblemas de quatro municípios catarinenses

Texto:

EDISON
MUELLER*



No decorrer dos últimos seis séculos, como revelamos no artigo publicado na edição de março desta revista ¹, a composição e a descrição em termos técnicos dos brasões e bandeiras ficaram lentamente sujeitos a método e a regras muito precisos que, entre outros aspectos, disciplinam bem o uso dos esmaltes heráldicos. Ao contrário do que comumente se acredita, a quantidade desses esmaltes aceita internacionalmente e de modo unânime pelos heraldistas é bem reduzida.

Eles foram divididos em três grupos: os metais (o ouro e a prata), as cores e as peles (às vezes chamadas forros). Sob a designação coletiva de cores existem apenas: o goles (vermelho, na tonalidade do vermelhão claro), o blau (azul, na tonalidade do azul ultramarinho ou azul cobalto), o sinople (verde, na tonalidade chamada esmeralda ou do verde de Veronese), o sable (preto) e a púrpura (roxo ou violeta avermelhado). Ao grupo das peles pertencem o arminho e o veiro; e respectivas combinações especiais de metal e de cor (arminhado, contra-arminho, contraveiro, contraveirado etc.).

Na Arte Heráldica tradicional não se costumam usar, portanto, tonalidades cambiantes (verde-claro, amarelo-limão, creme, jenolim, cor de açafrão/cróceo, azul claro, azul piscina, verde-mar/glaúco etc.), nem o alaranjado, o ocre, o cinza/gris e o castanho (marrom).

* Heraldista, pesquisador na área de História e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

¹ MUELLER, Edison. Breve introdução à Heráldica Cívica Catarinense, in "Blumenau em Cadernos". Blumenau, ed. março de 1997, páginas 23 a 29.

Nos emblemas oficiais (e considerados brasões) de expressiva quantidade dos municípios catarinenses são encontradas, porém, infelizmente, figuras pintadas em esmaltes aneráldicos. Tal erro é consequência natural, obviamente, da falta de conhecimentos de Armaria de seus respectivos autores.

Reunimos aqui, a simples título ilustrativo, a descrição de quatro desses emblemas, seguida de breve comentário geral sobre erros neles existentes, em particular a respeito de seus esmaltes. Há muito tempo, convém acrescentar, desejável é, justamente por isso, a adequada e rigorosa correção desses erros.

JARAGUÁ DO SUL

Ato de instituição: Lei municipal nº 203, sancionada em 29 de novembro de 1968 pelo Prefeito Victor Bauer.

Autoria: Eugênio Vítor Schmöckel e desenho de Moacyr Silva.

Descrição: "Escudo português clássico, simbolizando a filiação étnica primitiva, encimado por uma coroa mural de cinco torres, traduzindo a grandeza da cidade. O escudo divide-se em quatro quartos, formando a divisão dos quartos uma cruz, em amarelo, lembrando a fé cristã que a todos animou e ainda anima, com a legenda GRANDEZA PELO TRABALHO, a assertiva de que só o trabalho profícuo pode engrandecer uma coletividade. O primeiro quarto, o cantão direito, representa o cognome 'A pérola (do vale) do Itapocu' (...) e apresenta o morro ou pico da Boa Vista, em verde azulado, com o vale em verde claro; e o rio Itapocu, pela faixa ondeada em prata; encimados por uma estrela, também de prata, representando a cidade sede do município. O segundo quarto, o cantão esquerdo, (...) apresenta um colono com sua enxada ao ombro, disposto para o trabalho, um pé de cana-de-açúcar (...), uma espiga de milho (...), tudo encimado por duas hastes de arroz espigadas (...), tudo em cores naturais dos produtos, em fundo branco esverdeado. O terceiro quarto, o cantão direito extremo, apresenta (...) um conjunto industrial



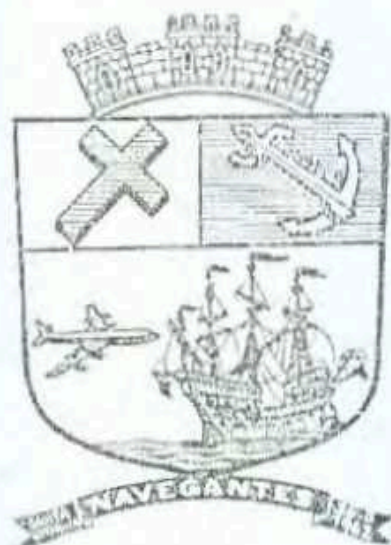
simbólico representando as atividades industriais que desenvolvem celeramente (...), com céu e campo da cor básica do cantão esquerdo. O quarto cantão, o quarto esquerdo extremo, está dividido em duas partes, em diagonal: a primeira representa a homenagem ao fundador de Jaraguá do Sul, o coronel Emílio Carlos Jourdan, belga de nascimento, através da figura heráldica do leão extraído do brasão da Bélgica - em campo de prata e a figura em vermelho. A segunda parte está representada por uma águia heráldica extraída das armas da Prússia, a águia em preto em campo de ouro (...). No listel vermelho (...) o nome do município com os milésimos 1876 e 1934 (...)."

NAVEGANTES

Ato da instituição: Lei municipal nº 23-A, sancionada em 18 de dezembro de 1963 pelo Prefeito Cirino Adolfo Cabral.

Autoria: Arnaldo Bento Rodrigues, Cirino Adolfo Cabral, J. Schubert Júnior, Osório Gonçalves Viana e outros.

Descrição (Reconstituição resumida baseada em informações avulsas fornecidas pela prefeitura e em reproduções do emblema): O campo do escudo está dividido em três áreas por uma semi-reta vertical e por uma reta horizontal (e, por isso, talvez seja "meio-partido e cortado"). No primeiro campo, em fundo areia, há uma cruz inclinada em amarelo (embora os desenhos oficiais indiquem-na como azul), "como sinal da fé cristã do povo do município". No segundo campo aparece em fundo azul, "como emblema dos marítimos", uma âncora, também na cor areia. "Na metade inferior do escudo, céu azul claro e mar verde, (vêem-se) o mais moderno e o mais antigo meio de navegação - um avião a jato e uma caravela (ambos dirigindo-se para o flanco sinistro). O avião é cinzento e a caravela, marrom". Acima do escudo, "representando a fortaleza do conjunto", há coroa mural com três torres inteiras visíveis, em amarelo. Sob o escudo



existe “uma faixa vermelha”, na qual está escrito o topônimo “NAVEGANTES”, ladeado (à destra) pelo nome “Santa Catarina” e (à sinistra) pela efeméride “26-8-1962”, data da instalação do município.

PALHOÇA

Ato de instituição: Lei municipal nº 06/73, sancionada em 6 de abril de 1973 pelo Prefeito Odílio José de Souza.

Autoria: Juarez Nahas e Amaury Osório de Christo.

Descrição (resumo): “Escudo português clássico encimado por uma torre



(sic) de alvenaria de cor ocre, com o seu tradicional relógio, marcando o início (oito horas) dos trabalhos. O escudo divide-se em quatro quartéis: vermelho e cinza, na parte superior, azul claro e azul, na parte inferior. Divide-os uma cruz, com as cores amarela na horizontal e verde na vertical, contendo a parte horizontal a legenda, em azul, ‘ESTUDO + TRABALHO = PROGRESSO’. O primeiro quartel, à direita, representa as atividades industriais que se desenvolvem celeremente, em especial a cerâmica e materiais de construção.(sic) O segundo quartel, à esquerda, representa a atividade básica da

zona rural, com as ferramentas típicas e originais do colono, encimadas pelas culturas principais - o tomate, a batatinha e o milho, em suas cores naturais, em fundo cor cinza. O terceiro quartel, à direita, representa a indústria sem chaminés, o turismo, que dia a dia se expande com a exploração das belas praias em vários pontos do litoral palhocense. O mar em cor azul e as praias alaranjadas. O quarto quartel, à esquerda, representa uma homenagem à liberdade: um pássaro branco de asas abertas, voando livremente sob o céu azul com um livro ao bico; o livro também em branco, com as letras A, B, e C em preto. No listel vermelho a expressão “Município de Palhoça” com os milésimos, em preto, 1894, da fundação, e 1906, da criação da comarca.”

SÃO JOAQUIM

Ato de instituição: Lei municipal nº 552, sancionada em 26 de setembro de 1966 pelo Prefeito Egídio Martorano Neto, após escolha do emblema em concurso público.

Autoria: João Thiago Mattos e Olavo Francisco Vieira.

Descrição (resumo): "Escudo em estilo moderno, cortado, tendo em chefe um campo ouro (opulência da região), silhueta de um cálice sagrado disposto sobre um tablado formado pela parte superior da data da instalação do município (1887). O cálice representa a fé e a devoção ao santo que deu origem ao nome do município. Em coração (campo central), campo chumbo, representando o céu em dias de nevascas, um pico elevado, em branco, saindo de um sistema de montanhas também em branco. Em ponta, em campo sinople (verde), à destra um exemplar bovino; à sinistra, pinheiros do Brasil em cores naturais. À destra e à sinistra do brasão, galhos de macieiras, em cores naturais, carregados de frutos vermelhos. Coroa mural de ouro com cinco torres (inteiras e visíveis, com forro de sable). Sob o escudo um listel azul com a divisa: ALTIVO / SÃO JOAQUIM - S.C. / HOSPITALEIRO, em letras de prata."



COMENTÁRIOS

Devemos assinalar, de início, as semelhanças facilmente perceptíveis entre o emblema de Palhoça e o de Jaraguá do Sul: a divisão do campo do escudo em quartéis, a colocação sobre as linhas divisórias deles de uma cruz na qual está escrita uma legenda e a representação, no segundo quartel, da importância da atividade agrícola na economia do município. Também idêntico, vale dizer a título de curiosidade, é o sim-

bolismo em ambos os casos atribuído à cor vermelha (embora eliminado, por razões de espaço, das descrições transcritas neste artigo): “cor da devoção e entusiasmo pelo berço natal” (sic). Também o emprego da expressão “atividades industriais que se desenvolvem celeremente” e a forma gráfica como essa idéia foi representada no emblema palhocense, criado em 1973, indicam que seus autores inspiraram-se diretamente no emblema oficial de Jaraguá do Sul, instituído em 1968.

Convém dizer depois que no escudo do emblema de Palhoça aparecem, além de coroa mural de forma incomum (com relógio!) e na cor ocre, um quartel cinza e outro azul claro. No último deparamos ainda com “praias alaranjadas” (sic). Também há erro na combinação dos esmaltes (sable sobreposto a goles). Percebe-se ainda, no texto legal palhocense, omissões indesculpáveis: não foram identificadas nem “as ferramentas típicas e originais do colono”, do segundo quartel, nem, e principalmente, as figuras colocadas no primeiro e no terceiro quartéis do escudo!

Em relação ao emblema oficial de São Joaquim convém esclarecer, em primeiro lugar, que o formato do escudo não se denomina “em estilo moderno”, mas samnita (ou francês moderno). Além disso, ele não é “cortado” (i. é, dividido ao meio por uma reta horizontal), como afirma sua descrição oficial. Ele é, de fato, terciado em faixa. O campo central tem esmalte aneráldico - “de chumbo”; e nele aparece, de maneira incongruente, “um morro em branco”. Além dessas falhas, devemos registrar no momento a omissão dos esmaltes do cálice, dos algarismos da data na qual ele está apoiado e do “exemplar bovino”.

O emblema oficial de Navegantes exhibe, entre outros defeitos (em particular descrição incompleta), além de um “avião a jato cinzento” e de um “galeão marrom”, colocados em fundo “azul claro”, um quartel do escudo e uma âncora “de cor areia”.

No primeiro quartel do emblema oficial de Jaraguá do Sul há a representação de um morro (o pico da Boa Vista) “em verde azulado” e de um vale “em verde claro”. O fundo (isto é, o campo) tanto do segundo como do terceiro quartel é “branco esverdeado” (sic). Percebe-se logo, simultaneamente, que ocorreu, na descrição oficial do vertente emblema, entre outras falhas, a omissão dos esmaltes da coroa mural torreada, da

figura do lavrador com a enxada, do “conjunto industrial simbólico” (sic) do terceiro quartel e das legendas inscritas na cruz central e no listel. Nele há também a constrangedora indicação errada dos esmaltes das conhecidíssimas armas da Bélgica.

No emblema oficial de Jaraguá do Sul se acha representada, como declara sua descrição legal, em homenagem ao fundador do município, coronel Emílio Carlos Jourdan, “a figura heráldica do leão extraído do brasão da Bélgica, em campo de prata e a figura em vermelho”. Entretanto, como será fácilimo a qualquer leitor verificar em boas enciclopédias, a Bélgica não tem, e nunca teve, um leão vermelho como símbolo. Logo após a sua independência da Holanda, em 1830, as províncias que formam a Bélgica adotaram como insígnia comum e nacional as armas do antigo Ducado de Brabante: “De sable um leão de ouro, armado e linguado de goles”. Nas armas da Bélgica há, por conseguinte, um leão dourado (e não vermelho), com a língua e as garras vermelhas, em campo preto - e não de prata, como sucede no emblema de Jaraguá do Sul.²

A leitura ponderada e criteriosa da descrição desses quatro emblemas municipais revela bem, por conseguinte, entre outros fatos, a escolha incorreta, contrária ao espírito heráldico, dos esmaltes neles usados. Exame mais profundo mostra a existência, nos mesmos emblemas, de outros tipos de erros graves (v.g., a partição dos escudos, o emprego de termos inadequados, a colocação de datas no listel, a forma singular das coroas murais, etc.). Em conclusão: muito conveniente seria, à vista dos fatos expostos, que os poderes executivo e legislativo dos quatro municípios empreendessem oportunamente, também para anular o ruim conceito cultural que eles difundem, a correção de todas as falhas e erros observáveis nos respectivos emblemas.

² MUELLER, Edison. Erros e desrespeito à Constituição invalidam o brasão de muitos municípios catarinenses. in: “Jornal de Santa Catarina”, Blumenau, ed. 03 de maio de 1981, pág. 24 (3º caderno).

Memórias

Memórias de uma imigrante*

Texto:

MARIA
SCHÜRMANN
HUBER

Depois de uma pausa volto a escrever mais algumas memórias guardadas no fundo da mente e que são sobre minha infância na Alemanha.

A Casa dos familiares de minha mãe em Castrop Rauxel, era toda de enxaimel, pintada de branco com vigas de madeiras pretas. Situava-se na praça da igreja na rua ao lado. Assim, podíamos passar pela janela do 2º andar para o telhado da drogaria, que era mais baixa e ali, nós crianças, encontrávamos um excelente lugar para brincar. Lá brincava freqüentemente com minha prima Helena, que era da minha idade e foi pena não ter podido visitá-la em 1976 quando voltei para a Alemanha, pois realmente o tempo era curto demais para visitar todos os parentes. Mas é bom lembrar daqueles dias gelados de inverno da minha infância, quando tínhamos um agasalho para esquentar as mãos. O meu era bem antigo, redondo e preto, diferente dos mais modernos, já coloridos e com os casacos compridos. Minha mãe, Anna Hennewig Schürmann, sempre foi uma mulher muito simples, para a qual a moda não tinha grande importância, mas minhas tias, irmãs dela e também as irmãs do meu pai adoravam andar na moda. Neste aspecto puxei a minha mãe, pois prefiro coisas mais práticas às modernas e, como hoje em dia a moda está mais liberal, parece que qualquer coisa está na moda e cada um pode se trajar como bem quiser. No tempo da minha mãe a

* Estas memórias são continuidade de uma série iniciada na revista Blumenau em Cadernos no tomo XXXVII, pg. 196, 236, 316. A tradução das mesmas foram feitas por sua filha Prof. Valburga Huber (UFRJ)



moda feminina dava extrema importância às roupas bem acinturadas, às vezes de tal forma que quase quebravam as moças, sendo que chegavam a ficar doentes, como se pode ver nas fotos antigas.

Os primeiros tempos aqui no Brasil foram difíceis para meus pais, pois tudo era muito primitivo, enquanto lá na Alemanha ("drüben", como se diz em alemão, ou seja, no além-mar) eles já tinham todo o conforto. Todavia, para nós crianças, isso não tinha muita importância, pois tudo tinha o gosto da aventura e do novo e assim aprendemos a andar à pé longas distâncias, pois, bem no início, não tínhamos ainda carroça com cavalos, o que só aconteceu anos mais tarde. Assim, andávamos horas e horas para chegar à Igreja, à "venda" (armazém) ou para visitar algum conhecido. Caminhadas de 4 ou 5 horas eram comuns e éramos muito resistentes, com exceção da minha mãe, para a qual andar muito era um grande esforço. Meu pai já costumava caminhar com meus irmãos mais velhos na Alemanha, mas eu só vim a fazê-lo com tanta intensidade aqui no Brasil, depois dos meus 12 anos. Há até um ditado popular em alemão que diz mais ou menos assim: *"Aquele que anda muito à pé dá lucro ao sapateiro"*.

Na Serrinha daqueles primeiros anos só moravam alemães como os *Weiers, Bauer, Schelter, Leopolt, Strassfelder, Fuhrmann, Batels* e famílias polonesas, como os *Kubiak* e os *Lamulerski*, que também falavam alemão. Também as famílias que moravam embaixo, no vale eram de origem alemã: *Schäfer, Zwicker, Gross, Schlatter, Schneider, Schweder, Böttger, Bratz, Korb* e assim por diante. O construtor da estrada que levava àquela "tifa" (região distante) foi o pai do Sr. Francisco Reuter, que chegou a morrer na construção da mesma e em sua homenagem foi erguida uma cruz exatamente no lugar onde perdeu a vida. É surpreendente a diferença da região 5 décadas depois. Vê-se que o progresso chegou nos lugares mais afastados, nota-se isso pelas modernas estradas asfaltadas. Uma viagem que fizemos do Rio a Rio do Sul, de carro, levou 28 horas, mas fazendo pausas no caminho. Quando ainda morávamos na Serrinha, íamos a cavalo para Salto Grande (atual Ituporanga). Eu ia sentada numa sela para damas, mas o cavalo não estava acostumado a ela e sempre empacava. Então trocávamos de cavalo, meu irmão e eu, e este

cavalo tinha um trote tão duro que chegávamos ao destino com o corpo todo dolorido.

Como já relatei, eu gostava de trabalhar na terra e era o braço direito do meu pai, pois nem sempre meus irmãos concordavam com as idéias dele. Aprendi assim toda sorte de trabalho pesado, cortar lenha, serrar árvores, derrubar a mata e limpá-la para ser arada, ordenhar vacas, enfim todos os trabalhos do campo. Como também não tive filhos homens, continuei ajudando meu marido, mais tarde, nesta mesma lida. Ajudei também na serraria que tivemos por uns tempos. Faz-se tudo quando se é jovem e forte, enquanto que agora contento-me com os trabalhos da casa, além de um pouco de costura e crochê.

Voltando aos velhos tempos, quem vinha morar na mata virgem passava por tempos árduos, pois na Europa esse tipo de mata já nem existia. Então a derrubada da mesma e o preparo para o plantio era longo e duro (podendo demorar anos), pois os troncos e as raízes têm que ser arrancados e a terra nivelada.

Onde morávamos, a região era meio montanhosa, de modo que não se podia arar em vários trechos com cavalos, o que hoje já é possível com os tratores, que meus sobrinhos que lá moram já possuem.

Lembro-me também de como era preciso ter uma vaca naqueles primeiros tempos. A gente conduzia a nossa primeira vaca ao longo da estrada, onde ela comia os capins, já que pastagem ainda não existia. Morreu em alguns anos e foi um dia triste, bem no aniversário da minha mãe, que chorou por isso, o que deixou esta lembrança muito viva na minha memória.

Na escola, na Alemanha, lembro-me da ginástica que tínhamos que fazer todos os dias no pátio, sempre depois da pausa das 11 horas, pouco antes do término das aulas. Certa vez nossa classe fez uma excursão à floresta próxima e tivemos que fazer exercícios respiratórios que eram muito importantes para crianças como nós, da zona industrial do carvão. No caminho cantávamos muitas canções populares, as quais eu ainda sei hoje em dia como: "*Jung Siegfried war ein stolzer Knab*" (O jovem Siefried era um menino orgulhoso); "*Das Wandern ist des Müllers Lust*" (O Moleiro gosta de caminhar), "*Ich hatte einen Kameraden*" (Eu tive um companheiro) e tantas outras muito conhecidas, as quais ainda

gosto de tocar em minha gaita de boca. É pena que a gente esqueça muitos fatos recentes, mas o que se vivencia quando criança permanece indelével na mente.

Nos meus 10, 12 anos não viajava muito na Alemanha, mas às vezes íamos para Orsan, à margem esquerda do Reno, onde morava a tia Gertrud, irmã do meu pai, a qual casara lá com um viúvo, que também já era o 2º a andar naquela fazenda. Ele não gostava de gastar, chegava a ser pão-duro, tanto que no caminho para o mercado onde vendia seus produtos, oferecia ao pai frutas do seu vizinho, ao invés de oferecer das suas maçãs. Já para a cidade natal de minha mãe íamos com mais frequência e chegamos a passar alguns anos lá enquanto meu pai lutava na 1ª Grande Guerra. Lá era maior a abundância de alimentos, enquanto na cidade se vivia com cartões de racionamento. Schermbeck, assim se chamava a cidade, era cercada de pequenas fazendas e assim se podia comprar os produtos dos agricultores. Além disso, um dos meus tios tinha uma padaria com suas delícias típicas.

Aqui no Brasil, aos 22 anos casei com o alemão Karl Huber, natural da Baviera, sul da Alemanha, que chegou aqui no Brasil quase 10 anos depois de nós (1931), quando na Alemanha grassava o desemprego em massa. Em Munique ele vagueou desempregado por 2 ou 3 anos. Aqui ele teve azar logo no 1º negócio que fez, ainda no navio que o trazia para cá. Ele o fez com um alemão que fora em visita à Alemanha. Fizeram amizade no navio e chegando aqui ele vendeu ao meu futuro marido um bom terreno com um salão de baile. Ele deu uma entrada e o resto este senhor receberia na Alemanha, para onde viajaria novamente em breve. Logo depois meu marido descobriu que este terreno estava hipotecado e telegrafou ao seu irmão na Alemanha, para que não pagasse o restante. Mas tal entrada ele nunca mais conseguiu reaver, embora ele tenha ganho o processo movido contra esse Sr. Müller que, nesse meio tempo, já vendera o tal terreno novamente. Sobreveio a morte dele e acabou tudo por ali.

Quando nos casamos, meu pai tinha uma serraria, pois nossa região era rica em madeiras. Ele era um bom professor, não entendia porém da vida prática e assim tinha umas concepções esquisitas, nada comerciais como, por exemplo: que deveríamos trabalhar na roça nos dias de sol

e na serraria só nos dias de chuva. Só que não se lembrava da madeira que comprava, em boa parte da espécie que apodrecia facilmente, se ficasse sob sol e chuva. Meu marido que era um homem de espírito prático, tentava salvar o que era possível, mas ele e meu pai não chegavam a um acordo e assim acabamos mudando para Rio do Sul, onde meu marido tinha terras perto da cidade. Alguns anos se passaram e meu pai nos chamou de volta para a serraria, só por uns meses, pois ele e meu irmão Theodoro não estavam dando conta da madeira a ser serrada. Ao invés de 3 meses, acabamos ficando 3 anos! Quando as pessoas da região viram que a serraria estava funcionando a pleno vapor, vieram em grande número para vender madeira. Como a caldeira a vapor já era muito velha, ela acabou fundindo. Meu marido sugeriu seu conserto, pois havia madeira comprada na reserva, mas meu pai não chegou a um entendimento com ele e assim ficou tudo paralisado. Anos mais tarde, meu pai vendeu a serraria secretamente e só viemos a sabê-lo porque meu irmão, mais tarde se traiu numa conversa e o revelou. Não foi uma atitude bonita da parte do meu pai, que sabia que tínhamos madeira em estoque, que se perdeu totalmente. Meu marido sofreu muito com isso, e eu não menos, pois de um lado estavam meus pais e do outro meu marido e eu no meio como mulher e filha. Só muito mais tarde se reconciliaram, mas o fato nunca foi esquecido.

Depois da paralisação da serraria, fomos morar em nossas terras, em Santa Galo, arredores de Rio do Sul. Por um certo tempo ficamos morando ainda na Serrinha, pois compramos as terras de um tal Sr. Leopold, que decidira voltar para a Alemanha. Foi nessa época que eu fiquei muito doente, e o homeopata não conseguia diagnosticar meu mal e assim meu marido me levou de carroça coberta com lona para o hospital em Rio do Sul. Naquela época ele era dirigido pelas irmãs diaconisas e todas as noites elas rezavam e cantavam em alemão (entre elas algumas não falavam ainda o português).

Fiquei 3 semanas no hospital. Estava com o fígado inchado e muito fraco, assim esperamos mais um tempo para mudarmos para o Santa Galo.

Nossas terras ficavam à margem esquerda do rio Itajaí-Açú e tínhamos que cruzá-lo numa balsa porque a ponte que havia perto das nos-

sas terras estava quebrada. Usávamos então a balsa, sendo o caminho muito mais longo (a ponte passava pelo Rio do Oeste). Assim nossa mudança seguiu num carroção de 4 cavalos do Sr. Kellermann e fomos morar numa das casas que meu marido mandara construir em nossas terras (eram 3) durante os anos que moramos e trabalhamos na serraria. Por 10 anos aproximadamente não tivemos filhos e só então nasceu nossa primeira filha, Ana Maria e, um ano e 5 meses depois nasceu nossa segunda filha, Maria Tereza, e só 4 anos e meio mais tarde, Valburga. Não tivemos filhos homens e as 3 meninas eram chamadas em casa de Nani, Resi e Wally respectivamente.

Quando meu marido, Karl Huber, foi preso durante a 2ª Guerra Mundial, eu o visitava com minha filha Ana Maria, de apenas 6 meses de idade. O carcereiro examinava os bilhetes que meu marido me passava, de cabeça para baixo, por longo tempo e percebia-se logo que era analfabeto. Tratava-se apenas de pequenas listas com nomes de roupas e artigos de toalete. Ele foi preso 2 vezes, provavelmente, simplesmente por ser "alemão novo", (neudeutsche) ou seja, emigrante da década de 30 e que contava muitas coisas sobre a Alemanha e Hitler, que ele vira em comícios em Munique no seu longo tempo de desempregado. Numa das vezes em que o policial veio buscá-lo, meu marido estava na roça, trabalhando. Este mesmo comentou: "quem vai agora capinar e cuidar das plantações?" Eram tempos de guerra, de confusão, medos, injustiças por toda parte. Ah, quase que voltamos para a Alemanha em 1939, pouco antes da eclosão da guerra. Os irmãos do meu marido escreviam sobre o "milagre econômico", todo mundo trabalhando, a Alemanha se desenvolvendo novamente ... mas como não conseguimos vender nosso sítio, desistimos de ir. Pura sorte! Continuamos sãos e salvos aqui, enquanto tantos parentes lutaram (e mesmo morreram) na guerra. Uma guerra terrível assim, espero nunca mais aconteça, embora sempre se tenha notícia de alguma guerra aqui e acolá.

Documentos Originais Periódicos

Esta seção DOCUMENTOS ORIGINAIS visa fornecer aos leitores que compreendem a língua alemã uma oportunidade para exercitar seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, fazer um comparativo do estilo da linguagem alemã no início do século em Blumenau.

Aos leitores que não dominam o idioma, oferecemos a tradução do artigo. Com esta fonte documental estamos proporcionando ao pesquisador uma nova informação referente a História regional e ao mesmo tempo incitamos leitores e pesquisadores a realizar investigações mais profundas que o texto possa suscitar.

Apresentamos, a seguir, um artigo de autoria de Andreas Kinas, publicado no Almanack Wille de 1965, página 65 a 74.*

Minha vida *

TEXTO:

ANDREAS
KINAS



* Tradução de Annemarie Fouquet Schünke – Blumenau, julho/1997.

⇒ Imigrante russo, que se estabeleceu em Rafael / Ibirama - 1909

Aus meinem Leben

Erzählt von **Andreas Kinas** Rafael - Ibirama

Mein Großvater, Kristian Kinas, ist im Jahre 1800 mit mehreren Familien von Deutschland nach Rußland ausgewandert, wo ihnen die zaristische Regierung kostenlos Urwaldland zur Urbarmachung zur Verfügung stellte. Mein Vater, Ludwig Kinas, geboren 1835, großjährig, verheiratete sich mit Luise, geborene Rösler, welche ihm vier Kinder, Andreas, Martin, Marie und Pauline, gebar. Er siedelte sich im Staate Wollinien, Munizip Mero-pol, Bezirk Dimbowo, an, wo er sich, wie sein Vater, der Landwirtschaft widmete.

Ich selbst wurde am 24. September 1874 geboren. Mit schulpflichtigem Alter besuchte ich sieben Jahre die Schule, in welcher des vormittags in russischer, und des nachmittags in deutscher Sprache gelehrt wurde. In diesen Jahren lernte ich die Bibel kennen und lieben, anfangend mit dem Profeten Daniel, viertes Kapitel. Ich studierte nun mit Eifer die heilige Schrift, und hab diese innerhalb eines Jahres vollständig durchgelesen.

Im Alter von 18 Jahren, es waren lang andauernde Regentage so daß auf dem Lande nicht gearbeitet werden konnte, verkroch ich mich eines Morgens auf unseren Scheunenboden, um etwas zu schlafen, wurde aber erst wieder wach, als es Nacht war. Ich blieb im Heu liegen, schlief wieder ein, und als ich wieder munter wurde, war es heller Tag. Ich kletterte vom Boden die Leiter herunter, und ging in das Wohnhaus meiner Eltern. Von diesen hörte ich nun, daß sie zusammen mit einigen Nachbarn die ganze Gegend, Teiche und Tümpel nach mir absuchten, hatten aber in der Aufregung nicht an den Schreuboden gedacht. Zwei volle Tage und Nächte hatte ich auf demselben zugebracht.

Im Winter, am 20. November 1896, verheiratete ich mich mit Wilhelmine Quirant. Wir wohnten nun zwölf Jahre im Hause meiner Eltern, wirtschafteten jedoch für uns selbst.

Auf Grund von Propagandaschriften über das Siedlungsgebiet Hammonia-Hansa, in Blumenau, Staat Santa Catarina, Südbrasilien, liegend, entschlossen sich die Familien Pletz, Düsterhof, Zersetzke, Krüger, Schwarz, Kolm, Vetter, Radke, Bensch, auch ich mit meiner Frau, nach dort auszuwandern. Wir setzten uns nun mit dem Schiffsagenten Friedrich Mißler, Bremen, in Verbindung, und in einigen Wochen wurden uns von diesen die Fahrkarten

MINHA VIDA

por **Andreas Kinas** - Rafael - Ibirama

Em 1800, meu avô Kristian Kinas, em companhia de algumas famílias, imigrou da Alemanha para a Rússia, onde o regime czarista lhes pôs à disposição gratuitamente terras com florestas, afim de transformá-las em áreas de cultivo. Meu pai Ludwig Kinas, nascido em 1835, sendo maior de idade casou com Luise, nascida Rösler, a qual lhe deu 4 filhos: Andreas, Martin, Marie e Pauline. Ele se estabeleceu no estado de Wollinin, município de Meropol, distrito Dimbowo, onde como seu pai, se dedicou à agricultura.

Eu nasci em 24 de Novembro de 1874. Estando em idade escolar, freqüentei a escola por sete anos, onde na parte da manhã era lecionado em russo e à tarde em alemão. Nestes anos aprendi a conhecer e amar a Bíblia, começando com o Cap. 4 do Profeta Daniel. Estudei com afinco as Sagradas Escrituras e as li no decorrer de um ano.

Quando tinha 18 anos, houve um longo período de chuva, de modo que era impossível trabalhar no campo e numa manhã me escondi no celeiro para dormir um pouco e só acordei quando já era noite. Fiquei deitado no feno e adormeci outra vez e quando despertei já era dia claro. Desci a escada do sótão e fui para casa de meus pais. Então contaram que com alguns vizinhos me procuraram por toda redondeza, em lagoas e pântanos, e que na agitação não se lembraram do celeiro, e lá, eu havia passado dois dias e duas noites.

No inverno, em 20 de novembro de 1896, casei-me com Wilhelmine Quiran. Moramos durante 12 anos em casa de meus pais, mas cultivávamos para nós.

Baseados nos folhetos de propaganda sobre a área de colonização em Hammonia - Hansa, Blumenau, Santa Catarina, localizada no sul do Brasil, as famílias Pletz, Düsterhof, Zersetzke, Krüger, Schwarz, Kolm, Vetter, Radke, Bensch e também nós, decidimos emigrar para lá.

über eine Reise von Deutschland nach Brasilien zugestellt. Als erste verließen die Familien Friedrich Pletz, Wilhelm Martin und Edmund Wesner die Heimat. Wir anderen verließen am 7. September 1908 Haus und Hof in Rußland, erreichten nach zwei Tag- und Nachtfahrten mit der Eisenbahn die deutsche Grenze, und nach weiteren zwei Tagen, Bremerhaven, wo wir am selben Tage unserer Ankunft, am 11. September, vormittags 11 Uhr den Dampfer des Norddeutschen Lloyd, "Erlangen", bestiegen, der uns über das große Meer nach Brasilien brachte, nach Rio de Janeiro, der Landeshauptstadt. Die Reise hatte einen Monat gedauert.

Nach unserer Ausschliffung wurden wir auf die in der Nähe von Rio de Janeiro liegende "Ilha das Flores", auf deutsch Blumeninsel, gebracht wo wir zur Abwicklung der Landesaufnahme, Gesundheitsuntersuchung, und Ausstellung amtlich vorgeschriebener Dokumente, 8 Tage Aufenthalt hatten, wurden dann mit einem brasilianischen Dampfer nach Florianópolis, der Hauptstadt des Staates Santa Catarina befördert, wo nun unsere Seereise beendet war, während der Dampfer nach dem Süden weiter fuhr, um andere Familien, die mit uns zusammen auf der "Erlangen" von Deutschland gekommen waren, nach den Staat Rio Grande do Sul zu bringen, wo sich diese ansiedeln wollten.

In Florianópolis besuchte uns in unserer Unterkunft ein deutsch sprechender Herr, der uns die Ansiedlung in der neu angelegten Regierungskolonie "Estrevo Junior" empfahl. Das Angebot und die Bedingungen waren so günstig vertlockend, daß wir uns überreden ließen, es dort zu versuchen, und schon am nächsten Tage wurde unser Gepäck auf Wagen verladen, die Kinder darauf gesetzt, und die Reise nach dem Inneren des Landes angetreten, die Erwachsenen zu Fuß hinter den Wagen her. Zwei Tage dauerte der Marsch. Wir kamen durch das Seestädtchen São José, Ort der ersten deutschen Einwanderung in Santa Catarina, dann durch die freundlichen Städtchen Palhoça und Santo Amaro, weiter durch ein fruchtbares Tal, Vargem Grande genannt. Der Weg, begleitet von einem Flußchen mit klarem Wasser, führt an schmucke Kolonistenhäuser, umgeben mit Obstbäumen, wie Orangen, Tamarinden (tangerinas), Pfirsichen und Bananen, Weiden und Pflanzungen vorbei, was uns sehr beeindruckte, so daß wir frohen Mutes weiter marschierten, dabei unsere Pläne für die Zukunft besprechend. Am Fuße eines hohen Gebirges angekommen, führte der Weg weiter durch dasselbe bis nach Lages, auf der Hochebene von Santa Catarina liegend. Wir aber bogen linker Hand in einen Weg, und kamen nach mehreren Kilometern Marsch in ein Tal, bis zu dem Flecken Teresópolis, mit einigen Häusern bebaut. Hier wurde uns gesagt, daß die Wagenfahrt ihren

Entramos em contato com o agente da emigração em Bremen, Friederich Mißler, e após algumas semanas nos foram enviadas, de parte deste, as passagens da Alemanha para o Brasil. As famílias Friederich Pletz, Wilhelm Martin e Edmund Wesner foram as primeiras a deixarem a pátria. Em 7 de Setembro de 1908, nos outros abandonamos nossas propriedades na Rússia, e após dois dias e duas noites de trem, alcançamos a fronteira alemã e mais dois dias Bremerhafen. Embarcamos no dia de nossa chegada, 11 de Setembro às 11 horas da manhã, no navio "Erlangen" da "Norddeutschen Lloyd", que nos trouxe ao Brasil através do oceano, para o Rio de Janeiro, capital do País. A viagem durou um mês.

Após o desembarque fomos levados à "Ilha das Flores" nas imediações do Rio de Janeiro, onde permanecemos por 8 dias, para exames de saúde, emissão de documentos oficiais prescritos, aguardando o visto de entrada no País. Então fomos enviados para Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, num vapor brasileiro, onde finalmente terminou a viagem por mar. Enquanto isso o vapor seguia para o Sul para levar outras famílias, que conosco vieram no "Erlangen" da Alemanha, para o Estado do Rio Grande do Sul, onde iriam se estabelecer.

No abrigo, em Florianópolis, fomos visitados por um senhor que falava alemão, o qual nos recomendou a nova colônia do governo "Esteves Júnior". A oferta e as condições eram tentadoras demais e deixamos nos persuadir indo para lá. Já no dia seguinte nossa bagagem foi carregada em carroças, as crianças em cima das mesmas, os adultos à pé atrás destas e assim começou a viagem para o interior. A caminhada durou dois dias. Passamos pela vila praiana São José, lugar da primeira imigração alemã em Santa Catarina, pelas simpáticas povoações de Palhoça e Santo Amaro. Mais adiante por um vale fértil denominado Vargem Grande. O caminho ladeado por um riacho de águas cristalinas, passava por encantadoras casas de colono, circundadas de árvores frutíferas como laranjeiras, tangerineiras, pessegueiros, bananeiras, pastos e plantações, o que nos impressionou, e animados, continuamos a caminhada fazendo planos para o futuro. Chegamos ao sopé de uma cadeia de montanhas e o caminho que a atravessava levava até Lages, situada no planalto de Santa Catarina. Mas dobramos à esquerda e após alguns quilômetros de caminhada, chegamos a um vale, até o lugarejo Teresópolis, onde havia

Endpunkt erreicht habe, da hier die fahrbare Straße wohl nach dem Süden des Staates weiter führt, aber nach der Kolonie Esteves Júnior noch keine gebaut sei, und diese nur durch eine einen Meier breite Píkade (Saumpfad) zu erreichen sei. Unser Gepäck wurde von den Wagen geladen, und wir blieben hier bei freundlichen Deutschbrasilianern über Nacht.

Am anderen Morgen wurde unser Gepäck auf Mulas (Stieineseln) geladen, die Kinder darauf gesetzt, und wieder ging der Marsch weiter auf stets ansteigenden, schmalen Wegen, durch eine mit Urwald bewachsene Schlucht führend, über Stock und Stein. Nach zwei Tagen kamen wir nun ermüdet, verschwitz und verdreckt in ein Tal, in welchem ein kleiner Ort, Anatópolis, liegt. Hier war nun unsere Reise zu Ende. Hier fanden wir das Gegenteil von dem, was uns von einem verdienstfertigen Landagenten vorgegaukelt wurde. Eine trostlose Gegend, sehr gebirgig, der Boden nicht fruchtbar genug, um ein Vorwärtskommen, auch bei größten Fleiß, zu garantieren. Wir 10 angekommenen Familien beschlossen, sofort wieder die Rückreise anzutreten. Wir beluden dieselben Tiere, welche uns nach hier gebracht hatten, marschierten nach Teresópolis, u. fuhren von hier mit den Wagen nach Florianópolis zurück, wo wir nach vier Tagen ankamen.

Da wir die Rückreise selbst bezahlen mußten, wurde einigen von uns das Geld knapp. Kurz entschlossen wendete ich mich an das Geschäftshaus Carl Hoepecke, um Herrn Carl Hoepecke unsere Lage zu schildern. Dieser war sofort bereit, mit mir zusammen bei dem Gouvernador vorzusprechen, der uns sofort empfing. Diesem übersetzte Herr Hoepecke meine Bitte um Unterstützung, woraufhin der Gouvernador Hercílio da Luz uns allen eine Reise auf Kosten der Regierung gewährte. Schon am anderen Tage, Abends, konnten wir den Dampfer "Anna" besteigen, den wir am anderen Morgen in Itajahy verlassen, mit Dankbarkeit der Herren Dr. Hercílio da Luz und Carl Hoepecke gedenkend, die uns aus den größten Sorgen heraus brachten. Beide deckt schon viele Jahre der grüne Rasen, doch vergessen von uns sind sie bis heute nicht.

Wir fanden in Itajahy Unterkunft im Hotel Burekhardt, bestiegen aber schon am nächsten Morgen den Dampfer "Blumenau", und kamen gegen Abend, am 7. März 1909, in Blumenau an, genau 6 Monate nach dem Verlassen unserer russischen Heimat. Hier mußten wir weitere zwei Tage verbleiben, da ein Sohn unseres Landmannes, Düsterhof, gestorben war, der auf dem evangelischen Friedhof beerdigt wurde. Für die Weiterfahrt nach Hammonia wurde ein Wagen, mit vier Pferden bespannt, angenommen, wofür wir 100 Milreis bezahlen mußten, für uns ein großer Betrag. In Hammonia angekommen, fuhren meine Familie u. ich auf einen Wagen, des Kolonisten Hedler,

algumas casas. Ali fomos informados que a viagem em carroça havia chegado ao fim, que a estrada transitável se dirigia ao sul do Estado, mas para a colônia "Esteves Júnior" nenhuma havia sido construída, e só seria possível chegar até lá através de uma picada. Nossa bagagem foi retirada da carroça e pernoitamos na casa de simpáticos descendentes de alemães.

Na manhã seguinte, nossa bagagem e as crianças foram colocadas sobre mulas e a caminhada continuou por caminhos estreitos e íngremes, por um desfiladeiro coberto de mata virgem.

Após dois dias, chegamos cansados, suados e sujos a um vale, num lugarejo, Anatápolis (sic). Aqui nossa viagem chegava ao fim. Encontramos o contrário daquilo que nos fora descrito, por um eficiente agente de terras. Era uma região desolada, montanhosa, o solo insuficientemente fértil para garantir o sucesso, mesmo com o maior esforço. Nós, as 10 famílias recém chegadas, resolvemos regressar imediatamente e recarregamos os animais que nos haviam trazido, caminhamos até Teresópolis e voltamos de carroça à Florianópolis, onde chegamos após quatro dias. Já que tivemos que pagar a viagem de volta, tivemos problemas financeiros. Decidido, me dirigi à casa comercial "Carlos Hoepecke" para expor nossa situação ao Sr. Carlos Hoepecke. Este imediatamente se prontificou em ir comigo ao Governador que logo nos recebeu. A este, o Sr. Hoepecke traduziu o meu pedido de auxílio, e o Governador Hercílio da Luz concedeu a todos uma viagem por conta do governo. Ao entardecer do dia seguinte, fomos com o vapor "Anna" até Itajaí, onde desembarcamos na outra manhã, lembrando com gratidão dos Srs. Dr. Hercílio da Luz e Carlos Hoepecke que nos ajudaram na dificuldade. Ambos faleceram há muitos anos, mas até hoje não foram esquecidos por nós.

Em Itajaí encontramos acomodações no Hotel Burekhardt, e no dia seguinte embarcamos no vapor "Blumenau" e, ao entardecer, em 7 de março de 1909, chegamos em Blumenau, exatamente seis meses após termos abandonado nossa pátria russa. Ali fomos obrigados a permanecer por dois dias, pois o filho de nosso compatriota Dusterhof havia falecido e foi sepultado no cemitério evangélico. Para continuarmos a viagem a Hammonia, contratamos uma carroça puxada por quatro cavalos, pela qual tivemos que pagar 100 mil réis, o que para nós foi um valor elevado.

welcher in Taquaras wohnte, nach der Rafaeeltiefe, um die sich hier schon angesiedelten Familien Pletz, Martin und Wesner aufzusuchen. Die Kolonisationsgesellschaft, durch obige von unserem Kommen unterrichtet, hatte bereits einen Einwandererschuppen bauen lassen, damit wir alle dort untergebracht werden konnten. Freudigst von unseren Landsleuten begrüßt, tauschten wir gegenseitig unsere Erlebnisse aus. Am anderen Tage schon machten wir Männer uns auf den Weg nach Hammonia, um uns bei der Hanseatischen Kolonisationsgesellschaft eine Kolonie auszusuchen und überschreiben zu lassen. Mir wurde eine solche zugeteilt, auf welcher schon eine Hütte stand, von meinem Vorgänger gebaut, der das Land verlassen hatte, da er des öfteren von den Bugres (Wilden), aus dem Walde heraus beobachtet und belästigt wurde. Ich machte diese wohnbar und zog mit meiner Familie auf meine Kolonie.

Die große Schwierigkeit, war nun, meinen Kindern Milch zu beschaffen. Also mußte eine Milchkuh gekauft werden, doch hatte ich nur noch 100 Milreis in meinen Besitz. Ich besprach mich mit meiner Frau, steckte mein letztes Geld ein, und machte mich auf den Weg, um eine Kuh aufzutreiben. Ergebnislos ging ich von einem zum anderen Kolonisten, denn seinerzeit war das Vieh noch sehr knapp. Kurz vor Hammonia sah ich auf einer Weide Kühe grasen. Ich besuchte nun den die Weide gehörenden Kolonisten Wiggenhäuser, welcher mir nach langem hin und her eine junge Milchkuh für den Preis von 110 Milreis anbot. Da ich aber nur 100 Milreis besaß, verkaufte dieser mir die Kuh, mit dem Versprechen bei Handschlag, die restenden 10 Milreis zu bezahlen, wenn ich dazu in der Lage sei. Mit der Kuh am Strick, kam ich am anderen Tage zu Hause an, von meiner Frau freudig begrüßt, und von den Kindern mit großem Hallo empfangen. Als meine Nachbarn von meinem Kuhkauf erfuhren, kamen sie und baten mich, ihnen etwas Milch für ihre Kinder abzugeben. Die Kuh aber gab nur 3 Liter, knapp zum Eigengebrauch ausreichend. Ich machte nun den Nachbarn den Vorschlag, deren Kinder mögen, da ich zu knapp an Futter für die Kuh sei, zur Fütterung beitragen, und täglich Granhuba (Zweige mit saftigen Blättern eines Bäumchens, der im frisch geschlagenen Land reichlich vorkommt), auch Batatenranken heranbringen. Gesagt, getan. Schon nach kurzer Zeit erhöhte sich der Milchertrag auf 5 Liter, sodaß ich zwei davon abgeben konnte. Unter Fleischmangel hatten wir nicht zu leiden, denn unsere Gegend war sehr wild- und vogelreich, da diese an große Urwaldsgebiete angrenzte. Das Jagen von Pacas, Tatus (Gürteltieren), Wildschweinen, Rehen und Antas (Tapir), sowie Waldhünern und größeren Vögeln, wie Jacutingas, brachten immer reichliche Abwechslung in der Küche, wobei wir aber niemals

Chegando em Hammonia, minha família e eu fomos com a carroça do colono Hedler, que morava em Taquara, para a tifa "Rafael", onde visitamos as famílias Pletz, Martin e Wesner lá estabelecidas. A Companhia Colonizadora, informada por estes da nossa chegada, já mandara construir um galpão para nos abrigar. Nossos compatriotas nos receberam com alegria e contamos uns aos outros nossas aventuras. No dia seguinte, nós homens, nos dirigimos a Hammonia, afim de escolher e registrar uma colônia na Companhia de Colonização Hanseática. Na que me coube, já havia um rancho, construído por meu antecessor que abandonara a terra porque várias vezes foi observado e molestado pelos bugres. Eu a tornei habitável e fui morar lá com minha família.

A grande dificuldade era conseguir leite para meus filhos. Era preciso comprar uma vaca leiteira, mas só possuía 100 mil réis. Discuti isto com minha mulher, levei o dinheiro e me coloquei a caminho a fim de conseguir uma vaca. Fui de um colono a outro sem obter resultado, porque naquela época o gado era escasso. Perto de Hammonia, vi algumas vacas pastando, procurei o proprietário Wiggenhäuser que depois de muita conversa me vendeu uma por 110 mil réis. Como só tinha 100 mil réis, prometi com um aperto de mão, que pagaria os restantes 10 mil réis logo que possível. No outro dia cheguei em casa, trazendo a vaca e fui recebido com muita alegria por minha mulher e pelas crianças. Meus vizinhos, ao saberem da compra, vieram pedir que lhes cedesse um pouco de leite para seus filhos. Mas a vaca apenas produzia 3 litros de leite por dia, o que mal dava para o próprio consumo. Fiz a proposta para que seus filhos contribuíssem diariamente com a ração de granhuba e ramas de batatas, já que eu não tinha o suficiente. Isto foi feito e em pouco tempo a produção de leite aumentou para 5 litros e assim pude ceder 2.

Não sofremos com falta de carne, pois nossa região era rica em caça, já que fazia divisa com a floresta. A caça de pacas, tatus, javalis, veados e antas, assim como macuco e pássaros maiores como jacutingas, sempre trouxeram uma abundante variedade para a mesa, mas nunca nos descuidamos do trabalho em nossas plantações, pois não éramos caçadores aficionados.

Logo conhecemos os frutos da terra e seu manuseio para o plantio e em pouco tempo pudemos colher batata doce, aipim e taiá, de cujas

unsere Arbeit in der Pflanzung vernachlässigten, denn wir wurden nie passionierte Jäger.

Wir lernten auch bald die hiesigen Feldfrüchte und deren Anbau kennen, und konnten wir schon in kürzester Zeit Süßkartoffel (Bataten), zahmen Maniok (eßbarem Aipim), Taiá (eine wohlschmeckende Knollenfrucht von deren saftigen Blättern Spinat bereitet wird, und Inhame (Knollen und die großen Blätter dienen der Schweinefütterung), ebenso Mais ernten, so daß Mensch und Tier ernährt werden konnten. Zuckerrohr wurde gepflanzt, das zu Fütterung von Pferd und Rindvieh verwendet wurde. An Obst wurden Orangen, Tangerinen, Pfirsiche, Zitronen und Bananen angepflanzt, welche in wenigen Jahren reichliche Früchte brachten. Der Gemüsegarten wurde auch nicht vernachlässigt, in welchem wir deutschen Samen aussäten.

Was uns nun am Herzen lag, aber fehlte, war der Schulunterricht und Gottesdienst. Es fehlte uns ein Haus, in dem wir beides verbinden konnten. Wir waren 15 Familien, und hatten unter uns ein Lehrer. Es wurde nun beschlossen ein Schulhaus zu bauen, und wurde jedem seine Arbeit zugeteilt. Bauholz wurde gefällt, Balken beschlagen und Schindeln gespalten; mit einer Brettsäge wurden von Zusetzke, Kelm, Schwarz und mir Bohlen und Bretter von Hand geschnitten; Türen, Fenster und Bänke von Wesner getischelt, Nägel und alles benötigte gemeinsam gekauft, und schon nach vier Monaten konnte Lehrer Pletz den ersten Unterricht in dem vollständig fertigen Gebäude abhalten. Auch unser verehrter Dr. Paul Aldinger, der erste Pfarrer und zugleich Schulinspektor des ganzen Hansagebietes, kam, einmal im Monat an einem Sonntag, um Gottesdienst abzuhalten, Kindtaufen, Trauungen zu vollziehen. Seine Anwesenheit unter uns war für alle ein Festtag. Alle Gemeindesachen wurden besprochen, ebenso Familienangelegenheiten behandelt. Von Herrn Dr. Aldinger wurden wir bei dieser Gelegenheit über die Vorkommnisse außerhalb unseres Gesichtskreises liegend, unterrichtet. Um immer auf dem laufenden zu sein über Brasilien und die alte Heimat, hielten wir uns die von Blumenau kommenden Zeitungen "Der Urwaldsbote" und "Blumenauer Zeitung", und vergaßen dabei nicht, "Der Hansabote", von Dr. Aldinger in Hammonia herausgegeben, zu lesen.

Nachdem für uns das Schulproblem gelöst war, konnten wir endlich an uns selbst denken. Jeder Kolonist baute sich nun mit Unterstützung der Nachbarn sein eigenes, bescheidenes Bretterhaus, legte Viehställe und Gebrauchsschuppen an, Drahtzäune wurden um die Weiden gezogen, und Brunnen gegraben. Nun erst konnten wir an Vereinsgründungen, wie Gesang- und Schützenverein heran gehen, die dann alle Bewohner einander näher in

folhas se preparava espinafre, inhame, do qual se aproveitava o tubérculo e folhas para a ração dos porcos. Também colhíamos milho que alimentava homens e animais. A cana de açúcar servia para alimentar cavalos e gado. De árvores frutíferas plantamos pés de laranja, tangerina, pêssego, limão e banana que em poucos anos produziram em abundância. Não descuidávamos da horta, na qual semeávamos sementes alemãs.

Mas do que mais sentíamos falta era de uma escola e do culto dominical. Não tínhamos uma casa onde pudéssemos conciliar ambos. Éramos 15 famílias e tínhamos um professor entre nós e então decidimos construir uma escola e a cada um coube uma tarefa. Árvores foram cortadas, vigas, ripas preparadas, o assoalho e tábuas cortadas manualmente por Zesetzke, Kelm, Schwarz e eu, portas, janelas e bancos fabricados por Wesner, pregos e demais acessórios comprados em conjunto, e após 4 meses o professor Pletz pôde dar a primeira aula na construção totalmente acabada. Também nosso estimado Dr. Paul Aldinger, primeiro Pastor e Inspetor Escolar para toda região da Hansa, vinha um domingo por mês para ministrar o culto, realizar batismos e casamentos. Todos os assuntos comunitários e familiares eram discutidos. Nesta ocasião éramos informados pelo Dr. Aldinger, sobre os acontecimentos fora do nosso pequeno mundo. Para estarmos sempre atualizados sobre o Brasil e nossa Pátria mãe, recebíamos os jornais "Der Urwaldsbote" e "Blumenauer Zeitung", e não esquecíamos de ler o "Der Hansabote" editado em Hammonia por Dr. Aldinger.

Depois que resolvemos a questão da escola e igreja, finalmente pudemos pensar em nós. Com a ajuda dos vizinhos, cada colono construiu sua modesta casa de madeira, estrebaria e rancho de depósito, os pastos foram cercados com arame farpado e o poço cavado. Somente agora pudemos pensar em fundar sociedade de atiradores e canto, que iriam integrar os moradores, para satisfação geral. Aprendemos a amar nossa nova Pátria, mas não esquecemos da Pátria natal.

Em 14 de novembro de 1910, os bugres trouxeram inquietação ao nosso, até então, tranquilo vale Rafael. Meu vizinho e eu cortávamos tábuas e um tronco de tamanho respeitável estava sobre o cavalete. Havíamos interrompido nosso trabalho para um lanche, quando ouvimos gritaria do outro lado do rio. Corremos e atravessamos o mesmo em direção

Verbindung brachten, sodaß überall Zufriedenheit herrschte. Wir haben unsere neue Heimat lieben gelernt, doch die alte nicht vergessen.

Am 14. November 1910 brachten die Wilden (Bugres) Unruhe in unser bisher friedliches Rafaelal. Mein Nachbar und ich waren beim Bretterschneiden, ein beachtlich starker Stamm lag auf dem Gerüst. Wir hatten unsere Arbeit unterbrochen, um zu frühstücken. Da drang von der anderen Seite des Flusses großes Geschrei zu uns herüber. Wir eilten sofort, den Fluß überquerend, zu unserem Nachbar Pletz, fanden diesen an der Erde liegend, blutend, mit einem Lanzenstich im Rücken, ohne sprechen zu können, in den letzten Zügen. Die Wilden hatten ihn beim Frühstück, unter einem Baume sitzend, überrascht und überfallen; wir konnten diese noch flüchtend, in den Wald verschwinden sehen. Pletz ist von der Unfallstelle noch 11 Meter gelaufen, brach aber dann zusammen. Die Nachbarn kamen von allen Seiten gelaufen, und halfen uns, die Leiche des uns lieb gewordenen Lehrers in dessen Haus zu bringen, umschwärmt von den in dem Maisfeld laut brüllenden Indianern. Frauen und Kinder schickten wir nach dem vorderen Rafael, um sie aus der Gefahrenzone heraus, in Sicherheit zu wissen. Am selben Tage wurde von den Indianern das Haus von Düsterhof, welcher selbst abwesend war, und im Hause von Pletz die Totenwache hielt, überfallen. Als wir uns dem Hause näherten, trieben Federn, vom Winde getragen, durch die Luft. Auf dem Hofe lagen überall solche herum, ebenso Weizenmehl verstreut. Die Wilden hatten Decken und Kissen aus den Betten aufgerissen, ebenso einen Weizenmehlsack, und das Zeug und den Sack und alle vorhandene Wäsche mit in den Wald genommen. Am anderen Tage wurde der Sarg auf einen Wagen geladen, und zum am vorderen Rafael liegenden evangelischen Friedhof gefahren, wo er bei großer Beteiligung der Bevölkerung in die Erde gesenkt wurde. Die Witwe mit drei Kindern verließ nach einem Monat unsere Gegend, um wieder in die Heimat Rußland zurück zu kehren. Grab und Denkmal, welch letzteres wir unserem bewährten Lehrer gesetzt hatten, steht heute noch unter Betreuung seiner nächsten Anverwandten, die hier zurück blieben. Der Schaden der Familie Düsterhof wurde von den hilfsbereiten Bewohnern von Hammonia reichlich gedeckt.

Die Bewohner unsers Tales, ängstlich und mutlos geworden, packten nun die Koffer und Kisten, um die Gegend zu verlassen. Ich hielt sie von diesem Schritt zurück, brachte es fertig, diese von ihren Plan abzubringen. Ich selbst begab mich auf den Weg nach Hammonia, um mich mit unserem Pastor und Freund Dr. Aldinger zu beraten. Dieser setzte sofort ein Telegramm an die Föderalregierung nach Rio de Janeiro auf, unterschrieb dieses im Verein mit Fräulein Thomsen, die dem Polizei-, Post- und Telegraphen-

de nosso vizinho Pletz e o encontramos agonizando, estendido no chão, atingido por uma flecha pelas costas e não mais podendo falar. Ele foi surpreendido e agredido pelos bugres enquanto fazia seu lanche, sentado debaixo de uma árvore. Ainda pudemos vê-los fugindo mata adentro. Pletz ainda andou uns onze metros do lugar do ataque, mas então caiu. Os vizinhos vieram de todos lados e ajudaram a levar o corpo do nosso querido professor para sua casa, cercada pelos gritos dos bugres do mihlar. Nós mandamos as mulheres e crianças para Rafael Baixo, afim de tirá-las da área e sabê-las em segurança.

No mesmo dia, enquanto Düsterhof estava no velório de Pletz, sua casa também foi atacada. Quando nos aproximamos do local, havia penas por todos lados e também farinha de trigo espalhada. Os bugres haviam rasgado travesseiros, cobertores e sacos de farinha que levaram consigo com todas as roupas.

No dia seguinte o caixão foi levado de carroça até Rafael Baixo, onde foi sepultado no cemitério evangélico, tendo grande acompanhamento. Depois de um mês, a viúva e seus três filhos deixaram a região e regressaram à Pátria russa. A sepultura e lápide colocada por nós, para nosso competente professor, ainda hoje estão sob os cuidados de parentes que aqui permaneceram. O prejuízo da família Düsterhof foi coberto pelos prestativos moradores de Hammonia.

Com medo e desmotivados, os moradores do nosso vale fizeram as malas para abandonar a região. Eu os impedi e consegui demovê-los desta idéia. Pessoalmente fui à Hammonia para aconselhar-me com nosso Pastor e amigo Dr. Aldinger. Este redigiu um telegrama ao Governo Federal, no Rio de Janeiro, o qual assinou com a Srta. Thomsen, responsável pelo serviço policial, de Correio e Telégrafo.

Após cinco dias tivemos a confirmação do recebimento. O Governador do Estado enviou um juiz de direito, escrivão público e um padre os quais me convocaram com mais duas testemunhas para vir a Hammonia. Meus vizinhos Zersetzke e August Braats me acompanharam, prestamos juramento e nosso depoimento foi protocolado. As autoridades nos acompanharam até o local do acontecido para verificarem oficialmente se ainda havia vestígios do ataque. Este protocolo foi assinado por todos nós e pelo Tenente Vieira da Rosa, o encarregado do Ser-

dienst vorstand, und schon nach fünf Tagen kam die Bestätigung der Ankunft desselben. Vom Staatsgovernador in Florianópolis wurde ein Rechtsrichter, ein Notar und ein Pater nach hier geschickt, welche mich aufforderten, mit zwei weiteren Zeugen nach Hammonia zu kommen. Ich nahm meine Nachbarn Zersetke und August Braats mit, wir wurden vereidigt, und unsere Aussagen protokollarisch aufgenommen. Die Autoritäten begaben sich zusammen mit uns nach der Überfallstelle, um amtlich noch verbliebene Spuren festzustellen. Das Protokoll darüber wurde von uns allen unterzeichnet, und von Tenente Vieira Rosa, dem Beauftragten des Indianerschutzes, bestätigt. Darauf hin trat Jacó Müller mit zehn Mann hier ein, um den Schutz der Bewohner zu übernehmen. Am Flußufer meines Landes wurde von ihnen eine Hütte gebaut, von wo aus Jacó Müller täglich seine Leute in die Wälder schickte, um Spuren von den Wilden festzustellen, und eventuelle Angriffe von diesen unmöglich zu machen. Die Bewachung blieb zwei Jahre in unserem Tal, und allmählich beruhigten sich die Kolonisten wieder, und dachten nicht mehr an das Verlassen ihrer ihnen lieb gewordenen neuen Heimat. Jeder konnte nun beruhigt seiner Arbeit nach gehen.

Aber auch in den anderen Tälern des Hansagebietes bedrängten die Wilden die Kolonisten und beunruhigten dieselben. In Hammonia wurde von der Regierung unter Leitung von Dr. Abbot und Dr. Miranda ein Indianerschutzamt eingerichtet, mit einem Posten am oberen Rio Krauel. Dieser aber wurde von den Wilden fortwährend durch lautes Gebrüll in den umliegenden Wäldern beunruhigt. Als aber einer der Arbeiter des Postens, Horak, überfallen und getötet wurde, verließen alle weiteren fluchtartig den Posten und kehrten nach Hammonia zurück. Da sich die Unfähigkeit der Leiter erwies, den Untaten der Wilden Herr zu werden, wurden Dr. Abbot und Dr. Miranda abberufen, und durch Eduardo Hörhann und Dr. Straube ersetzt. Ersterer richtete am Rio Plato am oberen Rio Hercílio mündend, einen Posten ein, wo es ihm nach mehreren Jahren bei zühester Arbeit und reichlichen Entbehrungen gelang, ein Indianereservat zu schaffen, die Wilden zu zähmen, sie zur Arbeit zu erziehen, und sie so mit der Zivilisation zuzuführen. Ihm allein gebührt der Dank und Ruhm, die Indianergefahr bewältigt zu haben, sodaß heute alle Bewohner des Itajahytales und angrenzenden Regionen, bis zum Hochland hinauf, in Ruhe und Frieden leben können, ohne einer Lebensgefahr ausgesetzt zu sein. Jeder kann nun beruhigt seine Pflanzungen bestellen, zum Nutzen des Staates, seines Fortschrittes und der Kultur.

(Bearbeitet von Otto Wille, Blumenau)

viço de Proteção ao Índio. Em seguida, veio Jacó Müller acompanhado de dez homens para proteger os moradores. Em minha terra construíram um rancho na margem do rio, de onde diariamente Jacó Müller enviava seus homens à mata para constatarem rastros dos bugres e impossibilitar eventuais ataques. A guarda ficou dois anos no nosso vale e aos poucos os colonos se acalmaram e não mais pensavam em abandonar a terra que aprenderam a amar. Todos puderam voltar tranqüilamente ao trabalho.

Mas em outros vales da região da Hansa, os bugres também molestavam os colonos e os inquietavam. Em Hammonia, sob orientação do Dr. Abbot e Dr. Miranda, o governo instalou um Departamento de Proteção Indígena, com um posto no Alto Rio Krauel. Mas este sempre era importunado com a gritaria dos bugres, vindo da mata que os rodeava. Mas quando, Horak, um dos empregados foi atacado e morto, todos abandonaram em fuga o posto e voltaram para Hammonia. Como a direção se mostrou incapaz de dominar as ações perversas dos bugres, Dr. Abbot e Dr. Miranda foram destituídos e substituídos por Eduardo Hörhann e Dr. Straube. Eduardo Hörhann instalou um posto no Rio Plate na desembocadura do Alto Rio Hercílio, onde após vários anos de intenso trabalho e muita privação conseguiu demarcar a reserva indígena, domá-los, educá-los para o trabalho e introduzi-los à civilização. Somente a ele cabe o agradecimento e mérito de ter dominado o perigo indígena e assim todos moradores do Vale do Itajaí e regiões vizinhas até o planalto, puderam viver em paz, sem estar correndo risco de vida. Agora todos podem cultivar, despreocupadamente, em benefício do Estado, de seu desenvolvimento e de sua cultura.

**-Ata do
Conselho
Municipal em
10/04/1911
-Ata da
Comissão
Municipal de
Turismo
de 04/07/1967**



**Ata da Sessão Ordinária do Conselho Municipal de Blumenau
do Dia 10 de Abril de 1911**

Aos 10 dias do mês de abril de 1911, às 10:30 horas da manhã, presentes os conselheiros Abry, Hering, Jensen, Fouquet, Germer, Hardt, Gadotti, e o suplente Braga e havendo número legal, o presidente abriu a sessão. Expediente: Um requerimento de Celso Mello e outros moradores do Rodeio pedindo abrir-lhes um caminho de caruagem. Ao superintendente para informar em ofício da Diretoria Geral de Estatística do Ministério de Agricultura pedindo informações sobre as escolas públicas. Ao superintendente para esclarecer e informar. Um relatório sobre episódio pelo Dr. Constantino Sloppe interado. O presidente comunicou a existência de defeitos na ponte novamente construída no bueiro no lote de Kretzartmar, Estrada Geral pelo que sustou o pagamento até nova informação pela respectiva comissão do Conselho. O mesmo informou ao Conselho que achava necessária a criação do lugar de arruador. *Levou a conhecimento do Conselho que o Sr. Blumenau, filho do fundador da colônia, ofereceu como doação à municipalidade o cume do Morro de Aipim, sob a condição de não levar mais cascalho do referido morro, bem como construir e conservar um caminho para o mesmo. O conselho aceitou a doação e assinando um voto de gratidão na ata autorizou o senhor presidente de levá-lo ao conhecimento do mesmo Sr. Blumenau.*

O senhor presidente comunicou ao Conselho a viagem do senhor superintendente Alwin Schrader fazendo-se intérprete das despedidas dele. O conselheiro Jensen propôs o exame das contas e balancetes do terceiro distrito e do posto zootécnico. O conselheiro Hardt apresentou diversos talões sobre um imposto de olarias propondo que fosse examinado o caso, sendo que as duas propostas foram à respectiva comissão para serem examinadas. Em seguida o sr. Superintendente apresentou as contas e balancetes relativos ao primeiro trimestre que foram também à comissão de finanças. Nada mais havendo a tratar, o senhor presidente deu por encerrada a sessão, marcando a próxima sessão para o dia 15 de maio. Eu, Eugen Fouquet, servindo de secretário a escrevi e assino. Em tempo, o conselheiro Jensen requereu também a apresentação de um pedido convencendo com o diretor do posto zootécnico.

Assinam:

Luiz Abry
Frederico Jensen
Tomé Braga
Arthur Germer

Max Hering
Eugen Fouquet
Henrique Hardt

Ata da Reunião da Comissão Municipal de Turismo **Realizada no dia 04 de setembro de 1967**

Aos quatro dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e sessenta e sete, no salão de conferências da Biblioteca Pública Municipal "Dr. Fritz Müller", às 17:30 horas, reuniram-se os seguintes membros da Comissão Municipal de Turismo: Antonio Nunes, Henrique Herwig, Augustinho Schramm, Rubens Heusi, Heinz Hartmann, Gunther Steinbach e Herbert Mueller Hering, sob a presidência deste último. Iniciados os trabalhos, foi apresentado pelo senhor presidente, um projeto do tipo de construção que será feita no Morro do Aipim, o qual foi apoiado por todos os membros. Disse o Senhor Heinz Hartmann que a cons-

trução não deverá ser típica, mas sim moderna, e que se adapte à região. Foi também, sugerido pelo Sr. Gunther Steinbach, que se convidasse o Diretor de Obras Públicas da Prefeitura, para uma vistoria no Morro do Aipim, indicando-se quais os serviços que ali deverão ser realizados. A este respeito, ficou combinado que no dia 5 (cinco) do corrente os membros da comissão, acompanhados pelo Sr. Rodacki, fariam uma visita ao referido Morro. Ainda com referência à construção no Morro do Aipim, sugeriu o senhor Antonio Nunes que fosse solicitado à Prefeitura a abertura de concorrência pública para a aludida construção. O Sr. Steinbach, disse que, para a referida construção, dever-se-ia, primeiro estudar o funcionamento e decoração do ambiente, para depois dar-se início à construção. Para a boa aceitação do restaurante, ficou acordado por todos os membros que a comida deverá ser a melhor possível e que para maior atração turística e local, far-se-á um concurso entre os conjuntos musicais de Blumenau, com distribuição de prêmios aos primeiros colocados. Falou-se também, sobre a publicação contínua nos jornais de um tema, como por exemplo "Colabore com a Comissão Municipal de Turismo, mantendo a cidade limpa". Foi falado com o capitão Lustosa, sobre o plantio de mudas na cidade, o qual colocou-se à inteira disposição da Comissão, cedendo o mínimo necessário de homens, que seriam, de preferência, filhos de agricultores. O senhor Augustinho Schramm sugeriu, na ocasião, que o Sr. Presidente, desse entrevista em "Pelo no Branco", programa apresentado pela Rádio Nereu Ramos, e que neste programa falasse sobre o turismo em nossa cidade, salientando que a comissão necessita do auxílio do povo blumenauense para as realizações previstas para o embelezamento da cidade. O senhor Herbert Mueller Hering, na oportunidade, disse que iria preparar as perguntas e respostas, as quais seriam deliberadas em uma próxima reunião. Foi sugerido pelo Senhor Gunther Steinbach que fosse enviado ofício ao Clube Náutico América, congratulando-se com a magnífica promoção da corrida de barco a remo, entre o Clube de Regatas Tietê, de São Paulo e este clube; sugeriu ainda, o envio de ofício ao Automóvel Clube, nos mesmos termos anteriormente citados. Estes ofícios seriam para estimular estes clubes para que se realizassem mais promoções, pois as mesmas atraem muitos turistas à nossa cidade, colaborando, indiretamente, com a Comissão. O envio destes ofi-

cios foi apoiado pelo senhor presidente e pelos demais membros. Nada mais havendo a tratar, o senhor Herbert Mueller Hering, presidente, deu por encerrada a reunião e, mandou lavrar a presente ata que vai por mim, Pedro Roberto Kammers (Secretário) assinada e por todos os presentes, convocando uma próxima reunião para segunda-feira vindoura.

Assinam:

Herbert Mueller Hering
Antonio Nunes
Augustinho Schramm
Heinz Hartmann

Pedro Roberto Kammers
Henrique Herwig
Rubens Heusi
Gunther Steinbach



Construção do Restaurante Frohsinn, no “Morro do Aipim”, 1968

Autores Catarinenses

- Edson Ubaldo - Roteiro da Ilha Encanta- da

Texto:

ENÉAS
ATHANAZIO*



EDSON UBALDO

Camponovense por adoção, embora natural dos Campos de Lages, Edson Nelson de Ubaldo é jurista, poeta, contista, músico e aplicado "globe-trotter". Depois de advogar por vários anos em São Paulo, atendeu ao chamado da terra e se fixou em definitivo em Campos Novos, onde exerce intensa atividade profissional e lidera a classe a que pertence, tendo sido presidente e ocupado outros cargos da OAB local. Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) e homem público com muitos serviços prestados à cidade que escolheu, ainda encontra tempo para se entregar a múltiplas atividades, sem deixar de produzir nas letras e no Direito. Seus livros "Bandeira do Dívino" e "Rédea Trançada", reunindo excelentes contos, tiveram boa acolhida do público e da crítica, garantindo-lhe uma posição destacada no regionalismo camponovense de nosso Estado. É autor de poemas, contos e artigos publicados em antologias e na imprensa. Vem incursionando com sucesso nas letras jurídicas, escolhendo temas difíceis e pouco versados, vencendo grandes desafios. Ainda no período paulistano, escreveu o ensaio "A Vontade do Sócio na Dissolução das Sociedades Limitadas", publicado nos "Estudos em Homenagem a Vicente Rão" (Resenha Universitária - 1976). Em tempos mais recentes produziu dois livros de muita aceitação: "As Modificações no Processo de Execução", comentado por mim nesta coluna, e "Insolvência Civil", nos quais esmiuça tão

* Advogado e Escritor.

complexos quanto importantes temas.

Em disputada eleição, Edson Ubaldo acaba de ser eleito para a Academia Catarinense de Letras (ACL), na vaga de Holdemar Menezes, de quem foi grande amigo. Rejubilo-me com a notícia porque sei do amor do talentoso escritor à literatura e de sua dedicação às coisas da cultura. A Academia decidiu bem, escolhendo um autêntico homem de letras, e estou certo de que a presença de Ubaldo nos quadros da Instituição contribuirá para renová-la e engrandecê-la.

ROTEIRO DA ILHA ENCANTADA

Publicado na belíssima série "Cidades Brasileiras", pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP), saiu um livro sobre o qual não vi qualquer manifestação de nossa imprensa. Trata-se de "Florianópolis - Roteiro da Ilha Encantada", de autoria do conhecido jornalista e escritor Glauco Carneiro, autor de obras que fizeram sucesso, como "ABC do Capitalismo" e "Um Repórter no Mundo Português", entre várias outras.

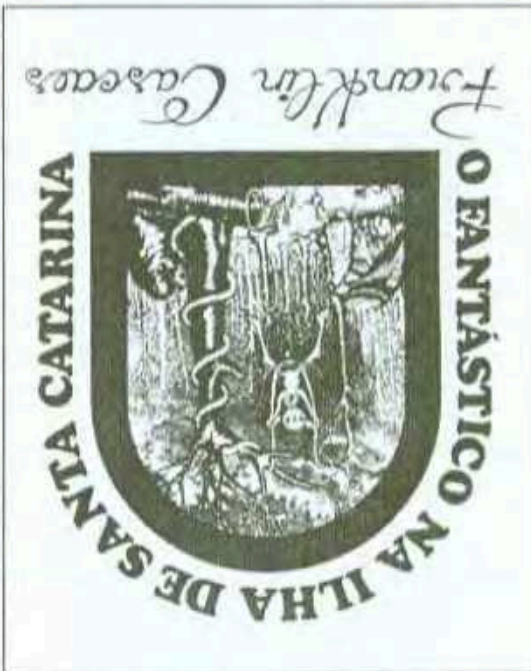
Muito além do roteiro sugerido pelo título, o livro revela, ao longo de suas trezentas páginas, em formato grande, tudo que diz respeito à nossa capital e à ilha, em linguagem fluente e agradável, na qual não faltam boas doses de lirismo e humor. O volume foi enriquecido por inúmeras e excelentes fotos.

Começando pela história, o autor mostra a Ilha como era, os indígenas que a habitavam, o nome de Santa Catarina e as discussões sobre ele, os bandeirantes e suas incursões, a empresa de Dias Velho, o município do Desterro, os açorianos e outros imigrantes, os episódios sangrentos (a invasão espanhola, a Revolução Farroupilha, os fuzilamentos de Anhatomirim, a Revolução de 30), o crescimento da cidade até dos dias de hoje e os problemas trazidos pelo progresso. Como se vê, é um prato cheio para os amantes das coisas do passado.

Mas é na segunda parte, quando o autor estuda a "alma" da cidade, que está o ponto alto do livro. Ali ele pesquisa a presença do fantástico na vida da Ilha, partindo dos estudos de Franklin Cascaes, dando ênfase às bruxas e bruxedos que, segundo as crendices do povo, estão em

toda parte, explicando muito do que por lá acontece e que só mesmo a bruxaria pode explicar. Outras tradições, místicas ou não, como a do Divino e da execrável "Fara do boi", também merecem uma análise isenta e curiosa. Mas ele não fica nisso e estuda as pontes e sai fungão integradora da velha Desterro ao conjunto nacional, as atrações turísticas que a ilha oferece e os roteiros para bem aproveitá-las, o papel da UFSC, os ciclos culturais, a literatura e as artes plásticas, e, por fim, o perfil urbano da cidade, destacando suas partes históricas e modernas, o planejamento e uma antevista da Florianópolis do ano 2000. Como fecho, um capítulo delicioso, descreve o "manezinho de corpo e alma", mostrando o temperamento alegre do povo, seu senso de humor e sua capacidade de brincar com a vida, suas peripécias, os acontecimentos e as pessoas.

Creio que se trata de um livro completo e veraz sobre a Ilha e sua gente, no qual o autor foi muito feliz e soube se valer da melhor bibliografia existente, como se vê no final do volume. É um curso completo, de leitura agradável e repleto de boas informações.



"O fantástico na ilha de Santa Catarina", de Franklin Cascaes

VARIADAS

* A Livraria Editora Insular promoveu o lançamento, em Florianópolis, do livro "República e Oligarquias - Subsídios para a História Catarinense - 1899/1930", de autoria de Jali Meirinho

* Realizou-se entre 25 e 28 de junho, em Balneário Camboriú, o maior evento jurídico do ano, a XII Conferência dos Advogados Catarinenses, reunindo centenas de profissionais da advocacia para discutirem inúmeros temas relacionados com a advocacia e a cidadania.

* A Casa da Cultura de Itajaí promoveu a exposição itinerante "O Brasil de Portinari", onde foram mostradas cinquenta reproduções autênticas das mais importantes obras do artista. Promoveu também a performance teatral "Heptacronos", com texto de Harry Laus, e o lançamento do livro "Harry Laus - Cine-Teatro", com autógrafos de Rurh Laus.

* O escritor piauiense Adrião Neto está elaborando o "Catálogo de Endereços de Escritores e Entidades Culturais do Brasil", facilitando o contato entre os que escrevem. Para isso, precisa de colaboração de todos, enviando seus dados para a rua Lucídio Freitas, 653 - CEP 64000-440 - Teresina - PI.

* O maior evento cultural do período ficou com Blumenau, agitando os meios artísticos com mais um Festival de Teatro, para o qual convergem todas as atenções. Estão de parabéns os organizadores pela excelência do trabalho realizado.

Verbetes para a História Catarinense

- Três Doutores Republicanos
- Um Ford e Três políticos
- Fouquet
- A Sociedade Protetora do Patrimônio Blumenauense

Texto:

THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ*



1 - TRÊS DOUTORES REPUBLICANOS

O crochê da História da República em Blumenau desenha a liderança conjunta dos políticos: (1) o engenheiro Hercílio Pedro da Luz (1860-1924); (2) O médico bahiano José Bonifácio da Cunha (1860-1915); (3) O engenheiro pernambucano Manuel Victorino de Paula Ramos (1860-1925). Este trio no vértice dos acontecimentos está no livro de Jali Meirinho, REPÚBLICA E OLIGARQUIAS. Este volume da Bibliografia catarinense, é indispensável para os interessados na História política, na qual, os acontecimentos envolvem Blumenau, responsavelmente.

O livro é escrito sem o cientificismo acadêmico e possibilita ao grande público conhecer como ferveu o caldeirão político blumenauense. E até entender, facilmente, que o Dr. Hercílio, foi de politizar sem maquiagem.

Ele ocupa o cenário republicano estadual com o temperamento tático e estratégico, autoritário. E sempre temperamental consumiu a vida sem confessar arrependimentos. Na relação das atividades políticas, três bastam para vê-lo substantivado no perfil: (1) Comandando grupo de 160 civis, formando guarda, instruída pelo ten. de infantaria do Exército Brasileiro, Alberto Camisão. E no comando, fez ataque militar ao Palácio do Governo onde estava o governador em exercício Elizeu Guilherme da Silva; (2) Aceitar ser eleito a 22.07.93 governador do estado de Santa Catarina, pela Câmara Municipal (À época era chamada:

* Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras.

Conselho de Intendência) de Blumenau, e assumir o governo na divulgação do manifesto, publicamente, divulgado. (No livro de Jali Meirinho, o manifesto está integral); (3) Usar o poder e a inflexibilidade política no conflito com a oposição em Araranguá, SC, e, conseqüentemente, ficar apelidado, no livro de João de Oliveira (jornalista combativo) "Ditador catarinense".

Examine-se, que, até os amigos da lealdade imodificável como, por exemplo, o destacado José Boiteux, entrelinhas lhe reconhece a liderança autoritária: *"Hercílio Luz foi uma dessas individualidades que nasceram para cativar almas, dominá-las, dirigi-las, vivendo cercado de amigos e correligionários que o ouviam e o obedeciam como quem ouve a palavra do profeta e obedece à força do destino."* (Cf. Hercílio Luz - In Memoriam, 1929. É o discurso junto ao túmulo no dia 20.10.1927).

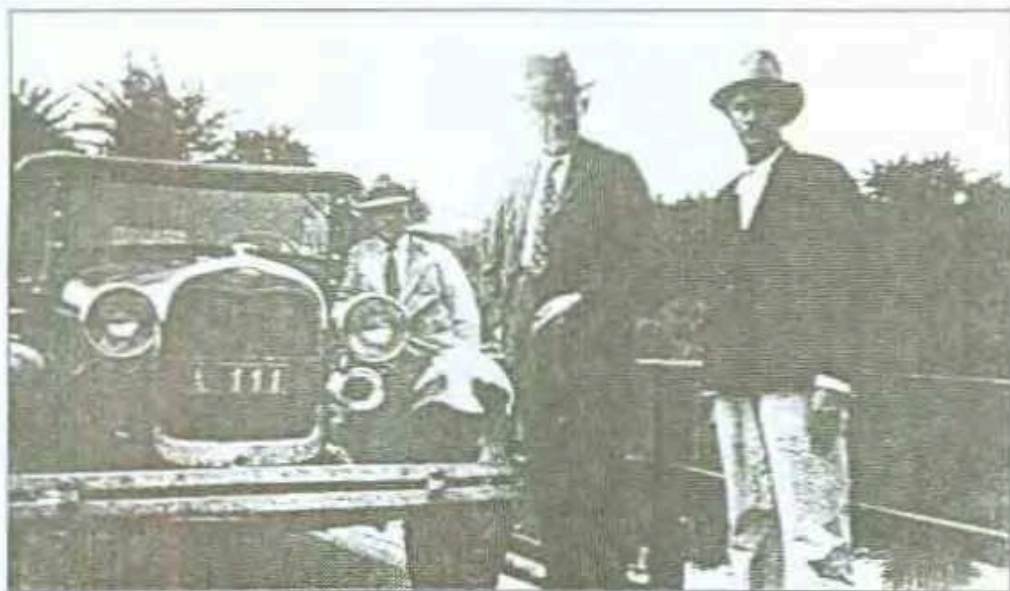
Quanto aos dois políticos que com Dr. Hercílio compuseram o trio, o médico Bonifácio Cunha, prefeito de Blumenau, no princípio do século, e o Dr. Paula Ramos, engenheiro diretor de Terras, eles foram morigerados e nem exorbitaram na prática da ideologia republicana.

2 - UM FORD E TRÊS POLÍTICOS

Frederico Hardt, um blumenauense lá das raízes políticas de Indaial, SC.; (2) José Petters, o morigerado intendente de Apiúna, ali nos ares do Ribeirão Neisse; (3) Nicolau Bona, gente da boa e operosa cepa dos Bona (Naquele grupo dos pioneiros do atual município de Rio dos Cedros). Todos enraizados no processo civilizatório da Kolonie Blumenau (1850). E o Ford-A, algo assim hoje, extinto e sem causação de saudade, estava quando a fotografia foi tirada, entrando para a História dos transportes no espaço dos indaialenses: o primeiro automóvel e categorizado no serviço público municipal. Falaram as comadres, os mexeriqueiros e outros ser aquele Ford-A, o primeiro ...

E com ele, o automóvel, aconteceu mais: o pernambucano chegou para secretariar o prefeito e a prefeitura municipal aprendeu nele a dirigir automóvel. E quem ensinou foi o fiscal-geral Nicolau Bona. E numa viagem de 30 quilômetros, entre a sede municipal Indaial e a sede distrital Apiúna. Ali José Peters era o governador de fala mansa e eleitorado com ele compromissado. Também naquele dia, que vi o ribeirão Neisse, conheci o a figura patriarcal do velho Schulz, aos meus olhos de 1940, protótipo do chefe

de família próspero, todavia, normalmente irritado. A fotografia fala que no centro está Frederico Hardt e a sua esquerda José Peters; quem está encostado no Ford é Nicolau Bona. Da boca deste último ouvi as primeiras informações sobre o agrônomo Giovanni Rossi, também sobre o anarquismo e a desenvolvida Cooperativa, que se pode associar ser a banda prática da ideologia que o ítalo Dr. Rossi propagava. O anarquismo do Dr. Rossi e o catolicismo dos franciscanos, ali em Rio dos Cedros, ficou sendo conflito de alto nível. Veja-se que, sendo o espaço físico cantão blumenauense, o prefeito de Blumenau, José Bonifácio Cunha (à época: Superintendente, fazendo o que faz hoje o prefeito municipal) aproveitou o que Dr. Rossi escreveu, inseriu no relatório do início deste século. Aí por que aparecem destacados italianos e tirolezes, atuantes no progresso.



Acervo: Theobaldo Costa Jamundá

Anotações feitas sobre o progresso de Rio dos Cedros, sendo brotação do anarquismo transmigrado, ficaram como perguntas não respondidas: (1) Será que o médico bahiano Bonifácio Cunha militava com os republicanos positivistas ... - Ou será que para uso próprio era inclinado achar estimulante do desenvolvimento, a doutrina fomentada por Dr. Rossi através

dos lembrados pioneiros rio-cedrenses (ou rio-cedrinos) Dorigatti, Largura, Fiamoncini e outros? Entenda-se que entre o anarquista Giovanni Rossi e os mencionados, esteve o líder político de competência: Emembergo Pelizzetti (1876-1947).

Outra vez traga-se a insinuação originada no título: "Um Ford e Três Políticos". Está no quadro da dedução a sensibilidade aplicada na arte de politizar como Frederico Hardt (o homenzarrão de bochechas rosadas e riso de criança) praticou: entre ele (pomerano laticinista) e os de Indaial com raízes nos italianos e os tirolezes, o elo, foi o fisco geral Nicolau Bona.

Este, além de ser confiável, era herdeiro político da dupla política Bona e Bértolli. E esta foi salientada quando o Dr. Hercílio Luz mandou e desmandou. E ter o Ford para encurtar distâncias, explica ter sido ambicioso quanto a progredir sem perder tempo.

3 - A SOCIEDADE PROTETORA DO PATRIMÔNIO BLUMENAUENSE

O por quê motivador da criação da "Sociedade dos Amigos de Blumenau". Foi sentido quando frei Ernesto Emmendorfer, OFM, avaliou com responsabilidade, que os bens culturais avolumados no acervo precisavam de efetivo e regulamentado Guardião.

Pensou e tomou a decisão: uma associação de pessoas interessadas em praticar bem querer às raízes com ponta lá em 1850, substantivaria funcionamento de zelo e guarda. E o competente ato da fundação ocorreu no plenário do Teatro Carlos Gomes. A intenção associativista colheu aprovação. As três primeiras filas de cadeiras próximas ao palco foram ocupadas. Sentei-me junto do professor de contabilidade Acrísio Moreira da Costa (homem de elegância natural e fala moderada e destacado na diretoria da Associação Comercial e Industrial (1948).

Frei Ernesto, falou para explicar. E quando a reunião terminou era ele o presidente e Ingo Hering (ativo defensor das blumenauensidades) o vice-presidente; na secretaria geral bem acertadamente, o jornalista Frederico Kilian. Viu-se por esse trio que a sociedade criada funcionaria responsavelmente.

José Ferreira da Silva não esteve na fundação como também não estivera nos eventos comemorativos do transcurso do Centenário de Blumenau: estava residente e domiciliado em Curitiba. Trocou correspondência com frei Ernesto. Sabe-se que mesmo distante dos amigos, jamais desligou-se. Viveu o relacionamento epistolar e também pesquisando nas fontes existentes além fronteiras catarinas, tudo que sobre Blumenau homem e Blumenau terra fosse referência confiável.

Quem trouxe José Ferreira da Silva para assumir o acervo e a sociedade dos Amigos de Blumenau, na época, concentrada na Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller", foi o bancário e político Hercílio Deeke (1910-1977) quando foi prefeito municipal (período 31.01.1951-26.01.1955). A dignidade pessoal do político confirmou ser um Deeke: gente de família envolvida com livro, com arquivo, com crochê da História Catarina, na qual a marca *Kolonie Blumenau*, resplandece. O jornalista e escritor José Ferreira da Silva dimensionou o valor da confiabilidade perante o governador municipal e também, indiretamente, perante a Memória brasileira.

E pela própria experiência entendeu que a existência de entidade de caráter fundacional entenderia: (1) Independência no gerenciamento; (2) Protegeria quanto à intromissão politiqueria; (3) Ofereceria o uso dispensador da burocracia que dificulta. E com esta intenção argumentou a criação da Fundação "Casa Dr. Blumenau". A providência foi funcional e mais ainda coerente com o pensamento de frei Ernesto, e do prefeito Hercílio Deeke: o acervo das raízes blumenauenses, efetivamente, ficou sob a guarda de instituição legal e a vigilância inteligente de pessoa capacitada.

E por que a História é dinâmica e o tempo passa arquitetando postais de momentos, anote-se: o atual presidente da Fundação Cultural de Blumenau, o professor de Direito (FURB) o Dr. Bráulio Maria Schloegel, foi auxiliar que está na História da Biblioteca Pública Municipal "Dr. Fritz Müller", que José Ferreira da Silva, quis com organização metodológica rigorosa. Esta entidade ao tempo de então, esteve relacionada entre as eficiências no atendimento ao público, na plenitude de biblioteca pública com referência nacional. E nem se deixa sem ser lembrado, outro professor de Direito (FURB) o Dr. Orlando Ferreira de Melo, ao tempo de frei Ernesto nos fazeres e quefazeres culturais relacionados com o acervo, já referenciado, ele, foi além de inteligente um assistente ímpar.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura Nova: R\$ 30,00 (anual=12 números)
-) Renovação Assinatura: R\$ 20,00 (anual=12 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 40,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 1997 (Tomo 38). Anexo a este cupom a quantia de R\$00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de Pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

☐ Dinheiro

Dados do assinante:

Nome:

Endereço:

Bairro: Caixa Postal:

CEP: - Fone p/ contato:

Cidade: Estado:

Assinatura

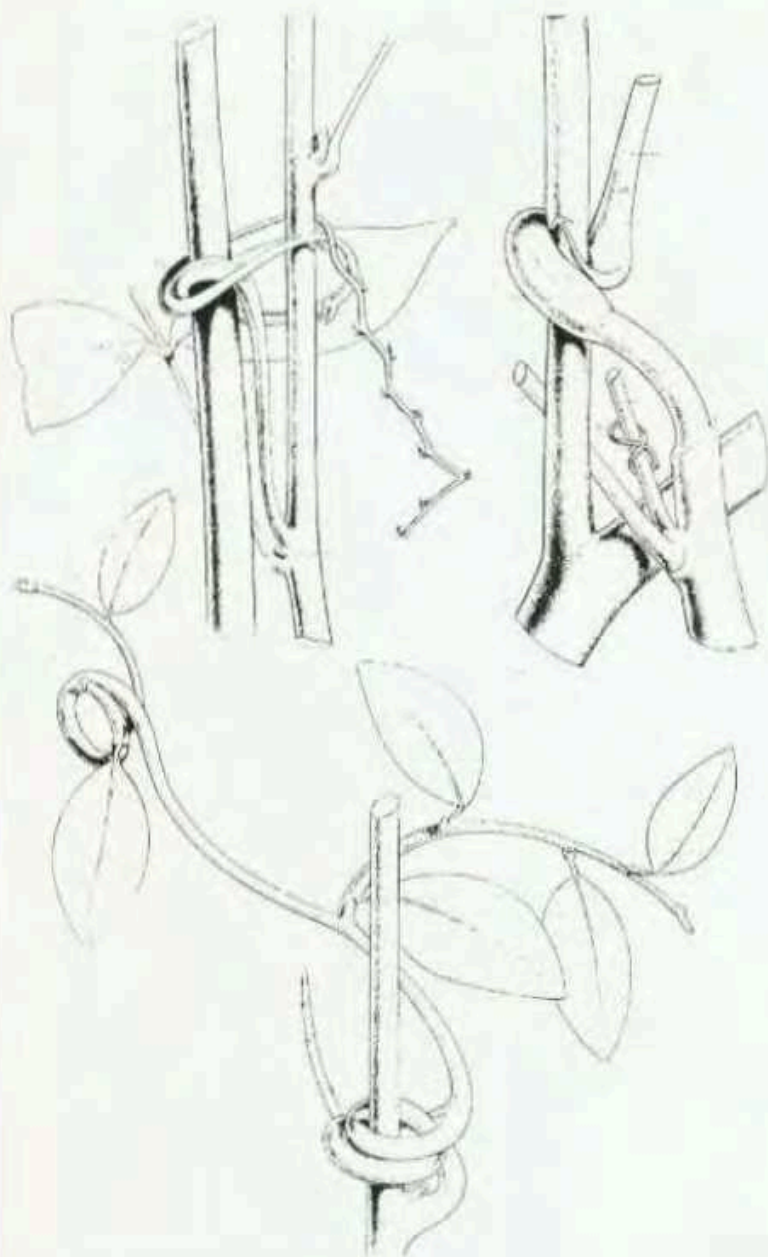
Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

- Aiga Barreto Mueller Hering
- Alfredo Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Antônio Roberto Nascimento
- Ariano Buerger e Família
- Armando Luiz Medeiros
- **Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S/A**
- Benjamin Margarida e Família
- Buschle & Lepper S/A
- Casa Flamingo Ltda
- Companhia Comercial Schrader
- Cooperhering
- **Cremer S/A**
- Curt Fiedler
- D. G. S. Factoring Fomento Comercial Ltda
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- Engepron - Engenharia, Projetos e Montagens Ltda
- Família Fouquet
- Genésio Deschamps
- Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
- **Hering Têxtil**
- Herwig Shimizu Arquitetos Associados
- HOH Máquinas e Equipamentos Industriais Ltda
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda
- Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda
- M.J.T. Representações e Serviços Ltda
- Madeireira Odebrecht Ltda
- Nelson Vieira Pamplona
- Niels Deeke
- Padre Antonio Francisco Bohn
- Posto Hass Ltda
- Silvio Paulo Araldi, advogado, e família
- TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A
- Transformadores Mega Ltda
- UNIMED - Blumenau
- Victoria e Willy Sievert
- Waltec Eletro Eletrônica Ltda



À HERMANN MÜLLER

...“há poucos dias lhe enviei um artigo sobre trepadeiras escrito por seu irmão, quando então soube, pela primeira vez, que Fritz Müller era seu irmão. Eu tenho o maior respeito por ele como um dos mais hábeis naturalistas vivo, e ele tem me ajudado de muitas maneiras com extraordinária amabilidade.”

Segundo nota de Francis Darwin no rodapé da carta de Darwin a Fritz Müller datada de 4 de março de 1879.